

Nosso jornal tem uma nova feição

A partir deste número a *Classe* ganha uma nova cara.
Leia na página 3.

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES. UNÍ-VOS!

A Classe Operária

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL



ANO 65 - VI FASE - Nº 34 - DE 13 A 26 DE ABRIL DE 1990

Cr\$ 18,00

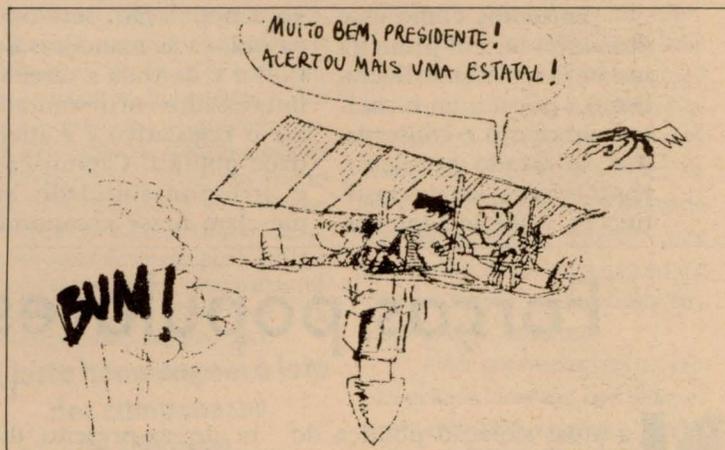
DESEMPREGO Quem paga esta conta?



O emprego virou raridade para esses operários que ofertam sua mão-de-obra no Brás, em São Paulo.

Estima-se em 500 mil o número de trabalhadores desempregados somente neste primeiro mês do Plano Collor. Com o facão no pescoço, os operários são forçados a aceitar acordos humilhantes que implicam na redução de seus já minguados rendimentos. A realidade mostra que Collor mente quando diz que o pacote econômico só atinge os ricos. Verifica-se, ao contrário, um aumento da concentração de rendas no país.

Leia a respeito do pacote nas páginas 5, 6 e 7 e o editorial na 2.



Maiakovski vive com sua poesia à vida e à revolução

Nas páginas 20, 21 e 24 a *Classe* homenageia o artista que com seus versos inundou de paixão, combatividade e talento, os amantes da liberdade



Conferência do PCdoB em SP

O Partido realizou uma conferência regional, em caráter extraordinário, para discutir a conjuntura política e as eleições deste ano.

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

EDITORIAL

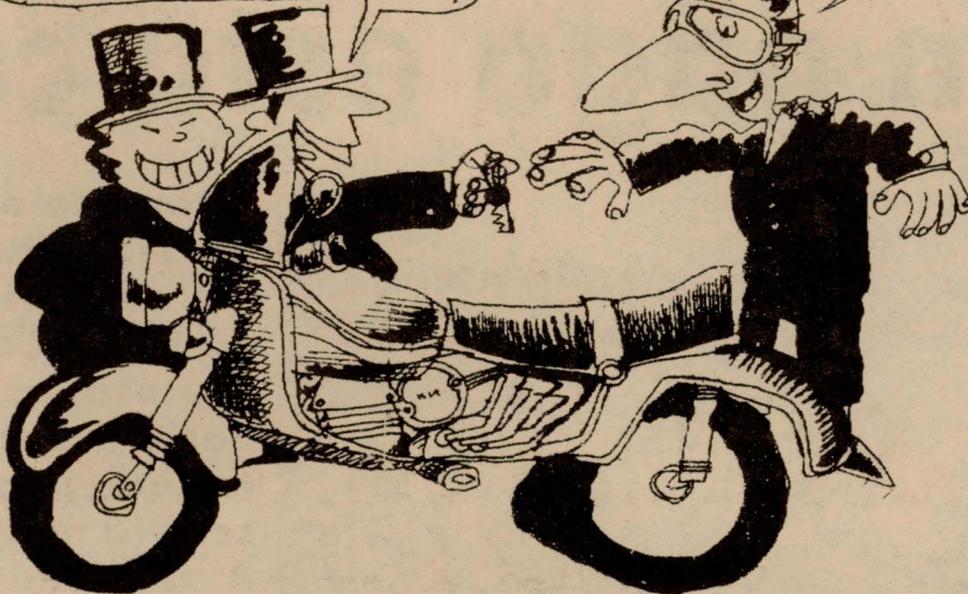
Congresso em débito

As votações das Medidas Provisórias do Plano Collor no Congresso Nacional deram uma mostra do que podem ser as relações entre o poder Executivo e o Legislativo e dos prejuízos que estas podem acarretar ao país quando o primeiro se comporta autoritariamente e, o segundo, movido pela subserviência e interesses menores.

O governo, escolhendo o caminho do tudo ou nada, decidiu constranger o Congresso, que foi obrigado a decidir em regime de afogadilho. Questões de magna importância para a vida nacional, como as que constam no complexo pacote de medidas econômicas, deveriam ser motivo para um debate profundo no Congresso e deste com a sociedade, tramitaram apressadamente. Collor está decidido a governar com a estratégia do rolo compressor e, tal como Sarney, usar e abusar das Medidas Provisórias como uma espécie de reedição dos decretos-leis dos tempos da ditadura.

Episódios como esse desmascaram em primeira instância a falácia do liberalismo e põem a nu o caráter autoritário e conservador do Estado brasileiro. Passa-se por cima das instituições, tolhe-se a iniciati-

DA UMA VOLTINHA, ENQUANTO NOS TOMAMOS CONTA DO PAÍS!



va legislativa de quem deveria legislar, entopem-se os canais por onde fluiria o debate com a sociedade.

O Congresso, por seu turno, perdeu mais uma vez a oportunidade de demonstrar ser uma instituição disposta a defender a democracia e a Constituição. Assim, frustra de novo a população, servindo na prática às manobras de Collor e de toda a direita, interessados em desmoralizar o Legislativo e a atividade política. Capitulação e irresponsabilidade se mesclam nesse comporta-

mento.

Isto não significa defender o confronto pelo confronto com o Executivo e a ingênua contestação de ponta a ponta de todas as medidas econômicas. Mas nas questões essenciais, o Congresso tinha o dever de defender os interesses nacionais. Não estava no centro da discussão retocar pontualmente o Plano Collor, à base de negociações fisiológicas com o novo governo, mas apresentar uma alternativa con-

creta que significasse o combate à crise econômica sem prejuízo do povo trabalhador e da soberania nacional.

Mas o que se viu durante as votações das Medidas Provisórias foi a reedição de uma espécie de Centrao, de triste memória. Tal como aquele agrupamento entortou pela direita a Constituição, os partidos conservadores agora entraram em conluio com o governo e em muitas questões importantes aprovaram suas medidas. Vale ressaltar que isto resulta

não apenas do rolo compressor da máquina de Collor ou da articulação das bancadas que lhe são fiéis, mas também da postura, no fundamental adesista, do PMDB e do PSDB, ressaltadas, evidentemente, as dissidências dessas agremiações.

É um Congresso em fim de mandato. A memória desta legislatura, incluindo aí o processo de elaboração da nova Constituição, fala do predomínio dos interesses conservadores, do desconhecimento das demandas nacionais e populares, do conchavo com os poderosos de plantão.

Por isso, as eleições de 3 de outubro deste ano revestem-se de importância extraordinária. É a oportunidade que o povo brasileiro terá para renovar a composição do Congresso, afastar dali os parlamentares de direita, eleger uma expressiva bancada democrática e progressista.

Para enfrentar o governo autoritário e entreguista de Fernando Collor, é indispensável um Congresso atuante, guardião da democracia e cômico de suas responsabilidades.

Forças populares se unificam em Pernambuco

Luciano Siqueira

Na atual situação política do País, diante da qual partidos e grupos políticos redefinem posições, a unidade das correntes populares e progressistas apresenta-se tão necessária quanto difícil de conquistar. O caso de Pernambuco parece emblemático. Foram gastos dois meses e meio de penosas negociações e tentativas de entendimento, permeados por acesa polêmica pública que dividiu de um lado os partidos que integraram a Frente Brasil Popular, PC do B, PT, PSB (aos quais se juntaram adiante o governador Miguel Arraes e o PDT, e de outro lado o PMDB, PCB, e PSDB. Ao final a unidade se fez em torno da candidatu-

ra do ex-prefeito do Recife, Jarbas Vasconcelos, numa coligação integrada pelo PCdoB, PSDB, PSB, PMDB, PCB, e PDT - à qual se espera que se agregue o PT, ainda às voltas com contradições internas.

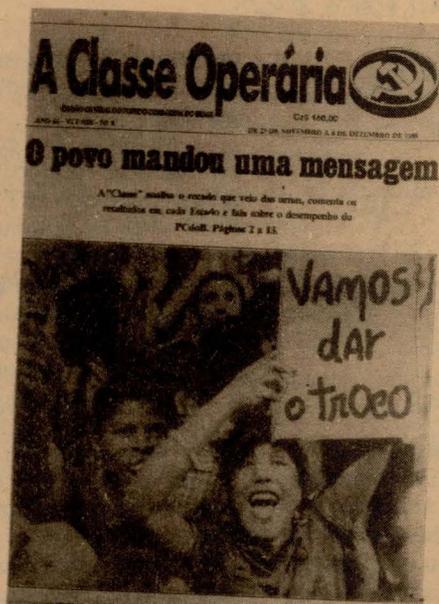
Em três questões residiam os obstáculos à unidade: a necessidade de uma posição clara acerca da situação nacional e do governo Collor; o reconhecimento, na prática, da ascensão do bloco de partidos situados mais à esquerda; e a adoção de um Comando Paritário capaz de assegurar condução democrática para a campanha e de solucionar a contento questões reacionadas com a linha política e a propaganda eleitoral. PSDB, PCB, e

PMDB, com a anuência de Jarbas, resistiram até quando puderam na tentativa de viabilizar a frente contornando essas questões, tidas como fundamentais pelos demais partidos. A defesa firme e sincera da unidade por parte do bloco mais à esquerda, com destaque unanimemente reconhecido para a intervenção do PCdoB, permitiu que o entendimento se fizesse em torno de cinco pontos que imprimem características avançadas à Frente: oposição ao governo Collor, em defesa da soberania nacional e dos interesses do povo; programa de governo de cunho democrático e popular; conjunto de chapa majoritária de feição progressista; direção paritária

da campanha; participação de todas as forças integrantes da Frente no futuro governo. O primeiro ato público da campanha, acontecido no último dia 7, em Recife, chamado "Encontro da Unidade", deu mostras do conteúdo da Frente constituída: transformou-se em veemente condenação ao caráter entreguista, recessivo e anti-popular do plano Collor. Dando forma, assim, em Pernambuco, o movimento de oposição popular e progressista ao novo governo.

DM
* De direção Nacional do
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

A Classe Operária



A partir deste número a *Classe* circula com nova feição gráfica

A partir desta edição **A Classe Operária** circula com nova feição gráfica. Atende ao apelo de leitores e responde a imposições do momento histórico que exige da imprensa dinamismo, agilidade e adaptação às exigências estéticas, sempre renovadas, da sociedade contemporânea.

A imprensa revolucionária, a publicidade das idéias socialistas desperta um interesse cada vez maior das pessoas engajadas na busca de uma sociedade avançada, baseada nos valores do progresso, da justiça social, da liberdade e da cultura do povo que trabalha e cria.

Nos tempos atuais, porém, é diminuído o espaço que tem para se propagar, devido ao monopólio sobre os meios de comunicação exercido pelos grupos da gran-

de burguesia, o que exige da parte dos que desenvolvem essa atividade no campo revolucionário a busca de formas criativas, modernas e atraentes, capazes de cativar os leitores.

A Classe se propõe fazer um jornalismo a um só tempo informativo, analítico e contundente nas opiniões que emite em defesa dos ideais revolucionários e socialistas. Fiel à sua origem de classe, tem por pressuposto a defesa dos interesses do operariado, o combate sem tréguas à exploração capitalista, a luta por uma sociedade livre de toda forma de opressão levantando sempre a bandeira do internacionalismo proletário.

Fazer a imprensa revolucionária hoje é uma forma de remar contra a corrente, de contestar a aparência de "fim da

história", "fracasso do marxismo", "fim das ideologias" e "derrota do socialismo" que encobre a essência dos fatos em curso e dissimula a real tendência de desenvolvimento da história.

Por isso, a atividade propagandística, o debate público dos problemas contemporâneos, a defesa ardente dos ideais revolucionários e socialistas é uma trincheira em que a vanguarda revolucionária não pode se isolar. Em nome desses ideais, o proletariado consciente conquista aliados entre aqueles que acendem com o fogo de sua pena a chama libertária da luta contra o obscurantismo e as verdades metafísicas pré-estabelecidas.

Assim a **Classe** pretende ser, além do porta-voz do Partido Comunista em suas lutas imediatas e a médio e longo prazos, o agasalho em que se abrigam as idéias progressistas. Os democratas, os patriotas, os intelectuais de vanguarda, cientistas avançados, artistas e menestréis da cultura popular terão sempre na **Classe** um veículo para dar publicidade às idéias anunciadoras do novo.

É com essas preocupações de conteúdo - de difundir a ideologia e a política do Partido, além de ser instrumento do movimento cultural, científico e progressista, que a **Classe** empreende a partir desta edição mudanças em sua apresentação gráfica.

Concebido pelo artista plástico e publicitário baiano Carlírio F. Teixeira que incorporou sugestões de leitores e colaboradores do jornal, este novo projeto gráfico



Esquerda é alternativa em Minas

Sérgio Miranda*

O quadro da disputa para o governo de Minas vai aos poucos assumindo seus contornos definitivos. No campo conservador surgem diferentes candidaturas cujo perfil ainda não permite definir qual servirá melhor aos objetivos de Collor em Minas. O PMDB se fixou no nome do senador Ronan Tito; o ex-governador Hélio Garcia construiu para si um partido, o PRS, e também se lança candidato. Representando forças de centro aparece a candidatura de Pimenta da Veiga, do PSDB, que vem há tempo realizando intensa campanha baseada na divulgação da sua administração na prefeitura de Belo Horizonte e na oposição ao governo de

Newton Cardoso. No que diz respeito à situação nacional, Pimenta ou se omite ou a relega a segundo plano, priorizando em seu discurso o resgate da ética e das tradições políticas mineiras.

Surge também nesse quadro uma alternativa de conteúdo democrático, popular e de esquerda que começou a ser articulada logo após as eleições presidenciais do ano passado. A expressiva votação de Lula já no 1º turno das eleições, quando foi o segundo mais votado com mais de 21% dos votos, demonstrou o crescimento do movimento popular progressista em Minas Gerais e a força de uma campanha baseada na unidade de es-



Sérgio Miranda

querda e em sua combativa militância, cuja referência é a classe operária das grandes fábricas, que votou e fez campanha para Lula e incluiu os setores populares, a juventude e a intelectualidade progressista,

podendo e devendo se ampliar para as camadas médias da população.

Levando em conta esta avaliação os partidos da Frente Brasil Popular (PT, PCdoB, PSB) vêm se reunindo desde o fim do ano passado para apresentar um candidato de esquerda ao governo do Estado. Desde o início ficou evidente a necessidade de incorporar o PDT e outros partidos de esquerda a esta articulação. Esses partidos estão tendo a clareza de considerar a ampliação da Frente, inclusive com setores democráticos não filiados aos partidos de esquerda, como chave da vitória.

Os percalços vividos pela Frente com a demora e o

ritmo que o PT escolheu para definir o candidato a governador levou a uma certa paralisação da articulação e deixou seqüelas internas a serem superadas.

A campanha da Frente será a única que terá como eixo central um claro posicionamento anti-Collor, e denunciará o caráter antinacional, antidemocrático e antipopular de seu projeto político, esclarecendo o povo do real objetivo de suas medidas. Mostrará que a renovação da política de Minas somente se fará através de sua base popular e está relacionada com as questões nacionais.

*presidente do PCdoB de Minas Gerais

Frente ampla é necessidade no ES

Clóves Geraldo*

A sucessão estadual no Espírito Santo entrou em abril com o quadro indefinido. A Frente Capixaba (PCdoB, PT, PSB, PCB e PV) procura agora encontrar um candidato que substitua o prefeito de Vitória, Vitor Buaiz, que decidiu não concorrer ao governo, com as mesmas chances de enfrentar a direita, capitaneada pelos senadores Gerson Camata (PDC) e o líder do governo Collor no senado, José Ignácio (PST).

As discussões sobre a formação da Frente Capixaba tomaram quase todo o mês de março, quando Vitor Buaiz ainda tendia a aceitar sua candidatura a governador do estado. Mas havia fortes resistências dos grupos minoritários do PT (DS, Força Socialista), que dominam o Diretório Municipal

de Vitória, a não aceitar uma coligação com o PDT, liderado pelo governador Max Mauro, e que tem como seu candidato o ex-Secretário do Planejamento, Albuino Azeredo.

Vitor Buaiz estava tendente a uma coligação com o PDT, tendo Albuino Azeredo como vice. Esta era, na sua opinião e dos diversos partidos, inclusive PCdoB e PSB, a forma de enfrentar a direita com amplas chances de vitória já no primeiro turno, quando até se faria uma boa banca federal (são 10 vagas) e estadual (30 vagas).

No dia 31 de março houve uma reunião do PT, que mostrou-se contrário a uma coligação ampla envolvendo também o PDT. Vitor Buaiz desistiu da candidatura alegando ter compro-



Iran Caetano

misso com o povo de Vitória, de cumprir seu mandato até o fim. Imediatamente as expectativas recaíram sobre o prefeito de Cariacica, Vasco Alves. Este, que se encontra sem partido e estava para entrar no PT, segundo os próprios petistas, acabou não se desincompatibilizando.

O problema foi que a Frente Capixaba ficou sem dois fortes candidatos. No

momento existem possibilidades de saírem candidatos pelo PT o deputado estadual Cláudio Vereza e o presidente do Diretório Estadual, Perly Cipriano. A questão é que alguns partidos estão tendendo a apoiar o candidato do PDT, Albuino Azeredo, mesmo continuando a pressionar e discutir com outras forças o lançamento de um candidato pela Frente Capixaba. O próprio Max Mauro já declarou que a única saída para as forças progressistas é ter seu candidato, sem exclusivismos.

O presidente regional do PCdoB, Iran Caetano, opina que "nestas eleições a Frente de Esquerda não tem chances reduzidas, pois o quadro agora é outro. É o momento de analisarmos a situação e fazermos uma

coligação ampla com todas as forças progressistas para derrotar a direita em nosso Estado. O governo Collor vai jogar pesado no Espírito Santo, pois aqui está um importante corredor de exportação e duas das maiores estatais nacionais, a Companhia Vale do Rio Doce e a Companhia Siderúrgica de Tubarão. Para complicar ainda mais teremos de enfrentar o candidato de Collor, seu atual líder no senado, José Ignácio. É necessário construirmos a Frente Capixaba apoiada por amplos setores da sociedade capixaba para derrotarmos as forças da reação no Espírito Santo".

*correspondente da Classe no Espírito Santo

N A S E N T R E L I N H A S D A N O T Í C I A

Perdendo a compostura

A manipulação que o governo Collor faz com os meios de comunicação, já não obedece aos mínimos limites de decência e vergonha. Agora ele não mais se limita a passar pautas previamente acertadas com os donos de jornais e TVs, fazer mise-en-scène do dia a bordo de motocicletas ou jet-sky contrabandeados, ou andar de ultra-leve por sobre a "Casa da Dinda".

Agora ele já demite e nomeia diretores de telejornais, como antes influenciava jornais a demitir jornalistas, co-

mo no caso de Ricardo Noblat, no "Jornal do Brasil". Na semana passada ele simplesmente telefonou a seu sócio Roberto Marinho e pediu que demitisse a editora executiva da "Central Globo de Jornalismo", Alice Maria, e o diretor responsável do setor, Armando Nogueira. E nomeou, de pronto, seu cupincha, Alberico Sousa Cruz, para o lugar de Armando.

Depois disso e do silêncio dos sindicatos de jornalistas, da Associação Brasileira de Imprensa e de outros organismos de defesa da liberdade de expressão, podemos nos preparar para tudo no setor de comunicações no Brasil. De fechamento de jornais à censura. É o seu estilo autoritário prevalecendo.

Até eles!

O pior foi o que fizeram com a Alice Maria e Armando Nogueira. Não que eles fossem boas biscoas, pois ficaram vinte anos cumprindo todas as ordens do Dr. Roberto Marinho. Só que agora o nível de exigência na manipulação do noticiário, no endeuamento do presidente e outras mumunhas mais era tão grande, que talvez aqueles dois já não davam mais conta.

Aí ele foi buscar o Alberico Sousa Cruz. Aquele mesmo que editou o último debate entre Lula e Collor, alterando o teor das respostas e manipulando o resultado em função do então candida-

to do PRN. E é claro que ele teria que ser recompensado um dia. E foi. Ganhou a direção do jornalismo da Globo. Aceitou e ainda se acha jornalista. Ora, ora. Assim, nenhum manipulador das artes cênicas com as artes cênicas aguenta.

Mas ser amigo do presidente hoje e não ter compostura virou moda. Vejam só a "namorada do Brasil", Cláudia Raia. Capa da "Veja", matéria apaixonadíssima na "Folha de" de domingo e estrela da novela da Globo às 20 horas. Mais nobreza que isso, só se for coroada rainha do Planalto, para fazer parte do harém do imperador.

No entanto, devagar, devagar, todos vão perecendo. Até mesmo os donos de jornais mais adesistas vão se to-

cando do governante que têm. Nos editoriais, artigos de fundo, notinhas dos columnistas de "O Estado de São Paulo", "Folha de São Paulo", "Jornal do Brasil" e até o "Globo", as coisas começam a aparecer.

Uma criticazinha aqui, outra acolá. Mas a desmistificação do homem começa a surgir para quem sabe ler as entrelinhas dos jornais. Só que aquele fôlego oposicionista da "Folha" dos primeiros dias pós-invasão, já arrefeceu. Entrou na da "oposição responsável".

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Clóvis Wonder

Direita e centro garantem a aprovação do plano no Congresso

Quando o pacote de 26 Medidas Provisórias editadas no Palácio do Planalto começou a ser apreciado pelo Congresso Nacional, o presidente da República, Fernando Collor, mandou um significativo recado aos deputados e senadores: "Confio que o plano não será tocado pelo Congresso em sua estrutura". Assim o presidente abria caminho para um processo de negociações entre suas lideranças no Congresso e os partidos de direita, centro-direita e alguns até tidos como de esquerda, que levaria a faz de conta de perde-e-ganha, em que o governo abriria mão de alguns penduricalhos mas ganharia no atacado.

Capitulação

Enquanto Collor e sua ministra da Economia se empenharam no convencimento dos congressistas quanto ao caráter de "salvação nacional" de seu plano e os constrangiam a discutir o pacote em regime de urgência, não faltaram vozes entre as eminências que ocupam cadeiras no Legislativo para definir com toda clareza o espírito de capitulação da instituição ao todo-poderoso Executivo. O senador paranaense José Richa, no tom de cansaço que assalta os vencidos por rendição, foi quem explicou: "O Congresso está promovendo pequenas mudanças no pacote, mas não quer dar ao governo nenhum argumento de que lhe tirou os instrumentos para acabar com a inflação".

Volta à cena

Durante a votação das Medidas Provisórias voltou à cena a figura abúli-

ca de Ulysses Guimarães, ressurgindo das cinzas da acachapante derrota eleitoral de novembro passado. Dono da maior bancada no Congresso, Ulysses se viu de novo no papel que assumiu com inigualável maestria nos tempos em que foi presidente da Constituinte. Muita retórica na imprensa, com acenos para a esquerda, intensas negociações nos bastidores e insistentes recados conciliadores ao governo, através de seus colaboradores mais íntimos.

O velho Ulysses procurou ocupar o cenário como uma espécie de principal interlocutor do Congresso nas negociações junto ao governo. Encontrou-se com o presidente Collor e recebeu dele um telefonema com um enfático pedido para a aprovação do pacote. O presidente do PMDB expressou o pensamento de seu partido ao declarar: "Collor teve muito peito e o Brasil estava desejando mudanças". E indicou o comportamento que a bancada peemedebista teria: "Vamos mexer no plano com cuidado para não ficar com a responsabilidade do fracasso". A propósito, circulou a informação de um encontro entre Ulysses e Collor, onde a aprovação do plano pelo PMDB teria sido trocada por cargos nos 2º e 3º escalões da administração federal.

Irresponsabilidade

De semelhante originalidade foi o argumento do senador tucano Fernando Henrique Cardoso, para quem, já que o plano é do governo, embora se deva fazer algumas mudanças, não caberia ao PSDB criar dificuldades à sua aprovação e implantação.



O Congresso Nacional durante as votações que aprovaram o plano econômico do governo Collor

Ora vejam! Segundo esses raciocínios, em muitos aspectos inconstitucional, não interessa se o plano é recessivo, contrário aos interesses nacionais, confisca poupanças da economia popular, congela preços em patamares elevados e arrocha salários expurgando a inflação de março. Onde a responsabilidade do Congresso? Onde a defesa dos interesses do povo? Onde sua autonomia para legislar e revogar atos arbitrários do governo?

Novo quadro

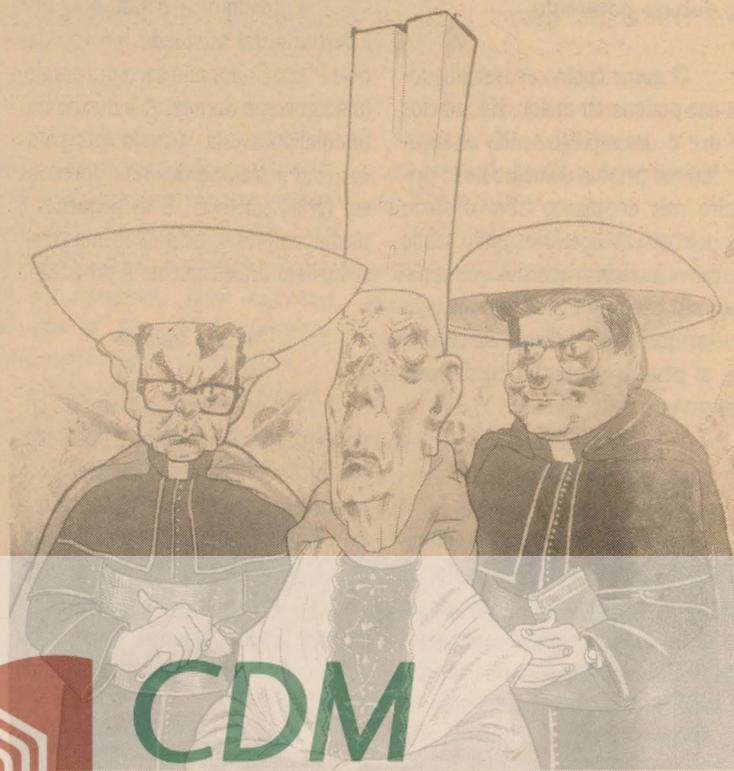
Os partidos de esquerda (PCdoB, PT, PSB e PDT) denunciaram incansavelmente o caráter antipopular e entreguista do plano Collor, articularam a oposição a nível do Congresso, apresentaram emendas, buscaram uma alternativa. Não recusaram os entendimentos e conversações, apesar da tentativa da liderança do governo em isolá-los. Mas não reuniram forças suficiente para aprovar suas proposições. Isto não diz respeito apenas à batalha congressual, mas ao ambiente de expectativa e de certa perplexidade que momentaneamente toma conta do movimento popular e sindical organizado. A manifestação de claros sintomas de recessão, a diabólica tática do empresariado de negociar redução da jornada de trabalho com redução salarial, o espectro do desemprego que ronda milhões de famílias, além do gorduroso ambiente criado pela propaganda governista através dos meios de comunicação - tudo isso retira poder de pressão da sociedade organizada, o que não deixa de repercutir na força da esquerda na batalha parlamentar.

A tramitação das Medidas Provisórias do Plano Collor no Congresso Nacional encerra algumas lições. Mostra que o governo não conta apenas com as bancadas abertamente direitistas. Recorrendo a manobras hábeis, seduz o PMDB e o PSDB, obtendo maioria nas votações mais importantes. Indica ainda um caráter de classe conservador do Congresso Nacional, no fundamental comprometido com o regime vigente e com as linhas mestras que orientam o

desenvolvimento do capitalismo dependente. A esquerda e o movimento popular e sindical devem levar em conta essa nova realidade, combinando oposição firme com flexibilidade para atrair aliados, à base de um programa de lutas capaz de sensibilizar o povo, despertá-lo do torpor gerado pela encenação collorista e retirá-lo da influência de falsos democratas.



Ulysses retorna ao papel de negociador e avalista do governo



CDM
 Centro de Documentação e Memória
 Fundação Maurício Grabois

Os "descamisados" pagam o pato



Na estação de metrô do Brás, em São Paulo, operários da construção ofertam uma mão-de-obra mais farta e barata

Collar continua afirmando que seu plano impõe sacrifício apenas aos 10% dos brasileiros melhor situados na pirâmide social, enquanto beneficiaria 90% de "descamisados". Porém, os primeiros efeitos do pacote econômico revelam uma realidade bem distinta do discurso governista.

O golpe contra os trabalhadores não poderia ser maior. Há indícios de que o desemprego tenha alcançado 500 mil pessoas somente neste primeiro mês do plano. Com o facão no pescoço, os operários estão sendo forçados a celebrar acordos que impliquem na redução de seus salários e arquivar qualquer pretensão de recuperar as pesadas perdas inflingidas pelo governo.

Recessão

Os sinais de recessão econômica são múltiplos. Em São Paulo, as vendas do comércio varejista caíram em torno de 30% em março. A construção civil, atingida de forma particularmente violenta pelo aperto monetário informa que já demitiu cerca de 300 mil trabalhadores em todo o país.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou um estudo projetando uma queda de até 24,7%

na produção industrial do país. A entidade lembra que é natural a retração das atividades nos primeiros momentos após a edição de um pacote como este, dado que os empresários costumam reagir com cautela e apreensão a medidas do gênero - fenômeno que foi observado, em consequência, nos três planos baixados por Sarney.

Entretanto, o estudo nota que a retração das atividades provocadas pelo Plano Collor não encontra paralelo no governo Sarney. A indústria automobilística está virtualmente parada, com a maioria dos seus operários em férias coletivas. E as pequenas e médias empresas, de uma forma geral, reduziram drasticamente a produção.

Arrocho salarial

Evidentemente, o efeito da crise cai sobretudo nos ombros dos trabalhadores. O movimento sindical ficou momentaneamente sem ação, forçado a uma conduta defensiva e acanhada. Alastram-se acordos prevendo a redução dos salários, às vezes, embora nem sempre, acompanhada da diminuição proporcional da jornada de trabalho.

Uma ilustração patética da nova conjuntura foi o plebiscito realizado dia 9 de abril pelos funcionários da Mannesmann S.A. em Belo Horizonte. Os mesmos operários que há

um ano fizeram uma prolongada greve por reposição salarial aprovaram a redução dos salários e da jornada em 30% - 54,5% dos 5.735 metalúrgicos que participaram do plebiscito votaram contra a orientação dos diretores do sindicato da categoria. "Estávamos com o facão no pescoço", comentou um operário. "Era aceitar a proposta da empresa ou correr o risco de uma demissão em massa, não havia saída. É melhor pingar do que secar".

Por essa via, os salários sofrem um baque ainda maior. Não custa lembrar que a subtração da maior inflação da história brasileira (84% em março) já tinha provocado perdas médias superiores a 45%, ou seja, o poder de compra estava reduzido quase que à metade, se considerado os valores atuais em relação aos valores de pico ou pressupondo o reajuste integral pelo IPC.

Mas Collor ainda não parece completamente satisfeito, pois ameaça inclusive vetar o dispositivo, introduzido pelo Congresso, que prevê a reposição trimestral de perdas futuras, ao mesmo tempo em que sua equipe econômica anuncia a intenção de prefixar os reajustes salariais abaixo do índice da inflação - sendo que, em abril, tal prefixação deve ficar em torno de 3%.

Capital estrangeiro

Assim, a própria realidade vai deixando claro quem de fato está pagando a conta do pacote econômico. O governo tem demonstrado um apurado senso de oportunidade para impor prejuízos aos 90% que demagogicamente afirma que está protegendo. A luta em torno de melhorias salariais está sensivelmente inibida, enquanto a pressão crescente do exército de desempregados constrange os assalariados a aceitarem os sacrifícios sem maior resistência.

Mas inegavelmente há os setores privilegiados pelo plano. E aí contam, em primeiro lugar os bancos representantes do capital estrangeiro. Especialmente os credores do exterior, além de em nenhum momento terem seus interesses ameaçados - muito embora todos saibam que a dívida externa seja a principal responsável pela inflação e por outras graves dificuldades da economia brasileira - agora recebem sinalizações de que merecem e merecerão um tratamento todo especial do governo.

Collor e sua ministra Zélia Cardoso de Mello não cansam de rejeitar que conduziram a negociação da dívida de modo convencional, sem nenhuma atitude unilateral que possa desagradar os credores ou ser interpretada como "confronto". E, neste caso, o discurso tem correspondência com a prática.

O plano, como se sabe, não impôs qualquer prejuízo ao sistema financeiro internacional.

Também as multinacionais, apesar de atingidas pelo confisco de parte dos recursos aplicados no over, não perderam muito. Daí o apoio que o capital estrangeiro vem emprestando ao plano, de forma praticamente unânime. Mesmo assim ele tem reagido com cautela quando se trata de seus investimentos no país. Não houve, e nem parece prudente esperar, um movimento expressivo de envio de dólares pelas matrizes das multinacionais instaladas no país. O que tem ocorrido, em geral, é a suspensão de planos de investimentos.

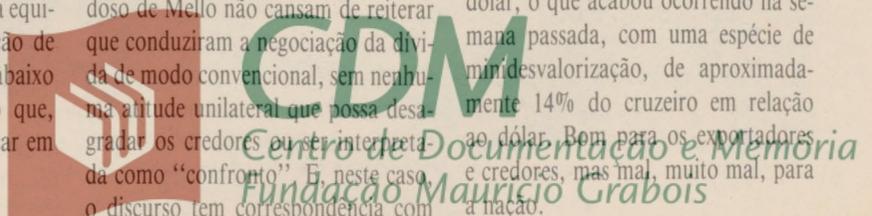
James Nisbet, presidente da Monsanto do Brasil, subsidiária do grupo norte-americano Monsanto revela que as companhias americanas obtiveram "resultados excelentes" nos últimos anos aqui no Brasil, a empresa que dirige, por exemplo, fatura cerca de 200 milhões de dólares por ano, mas ele diz que é preciso "esperar um pouco mais para decidir investir".

Nisbet elogiou o Plano Collor, "apesar de representar uma forte intervenção do Estado na economia", porém exige mais arrocho: "quando vão acontecer as demissões dos funcionários públicos?", indaga.

Mas os sinais positivos de Collor para os bancos credores são muito efetivos. Março já indica uma recuperação do superávit comercial - que deve ficar em torno de 1 bilhão de dólares - condição fundamental para reiniciar e assegurar o pagamento da dívida.

O governo orienta-se claramente no sentido de facilitar as exportações, que após o plano foram parcialmente suspensas pelos grandes grupos econômicos.

Mesmo alegando falta de cruzeiros em função do aperto monetário, na verdade eles mostraram que não prescindiam tanto assim de liquidez, pois alegaram que o cruzeiro não estava suficientemente desvalorizado, seguraram as exportações e acabaram obtendo sucesso junto ao governo, que determinou ao Banco Central uma ação no sentido de valorizar mais o dólar, o que acabou ocorrendo na semana passada, com uma espécie de mínima desvalorização, de aproximadamente 14% do cruzeiro em relação ao dólar. Bom para os exportadores e credores, mas mal, muito mal, para a nação.



A agonia das empresas nacionais

Irasson Cordeiro Lopes

Abaladas pelo estrangulamento da liquidez monetária, pequenas e médias empresas vão se enfileirando junto aqueles setores nacionais drasticamente golpeados pelo plano Collor. Ameaçadas pelo fantasma da quebra, são forçadas a se submeter à recessiva do governo, promovendo demissões massivas e consequente queda de suas produções, abrindo brechas para os grandes grupos monopolistas nacionais e estrangeiros absorvê-las, comprometendo o caráter nacional de setores importantes da economia. Como consequência dessa política, o golpe prossegue mais em baixo: milhares de trabalhadores passam a condição de desempregados, tendo agravadas drasticamente suas condições de vida, o que acentua mais ainda a já sombria situação social da maioria da população brasileira.

O outro lado da corda

Para se ter uma idéia do que pode vir por aí, a CLASSE colheu opiniões de pequenos e médios empresários. Eles temem que o chamado plano Brasil Novo se converta numa reedição do Plano Cruzado, com suas frustrações e fracassos.

Para o jornalista Antonio Carlos Cimino, presidente da ordem dos empresários do Brasil - O.E.B. o confisco financeiro de 80% das aplicações - por exemplo - não se justifica, pois todos, uns poucos outros mais, empresários ou não, deixaram seu dinheiro no Over, em fundos a curto prazo e até na poupança, não com o intuito de especular, mas sim com a intenção de proteger o seu capital da inflação que se apresentava e que todos tinham garantias do governo ou a ministra (Zélia Cardoso) também especulava. Cimino aponta com a máxima que diz que "para cortar o cabelo não precisa arrancar o cérebro" e faz uma observação: "agora urge um encontro nacional com todas as lideranças, inclusive debates com o congresso todas estas medidas, pois, além destes aspectos econômicos há o social. vejam a área de construção civil, completamente parada, as construções congelaram as obras... todos sabemos que pior que a inflação é o desemprego, o empresário com sua empresa organizada e com bons funcionários não quer demitir, só demitirá se não tiver como poder pagá-los."

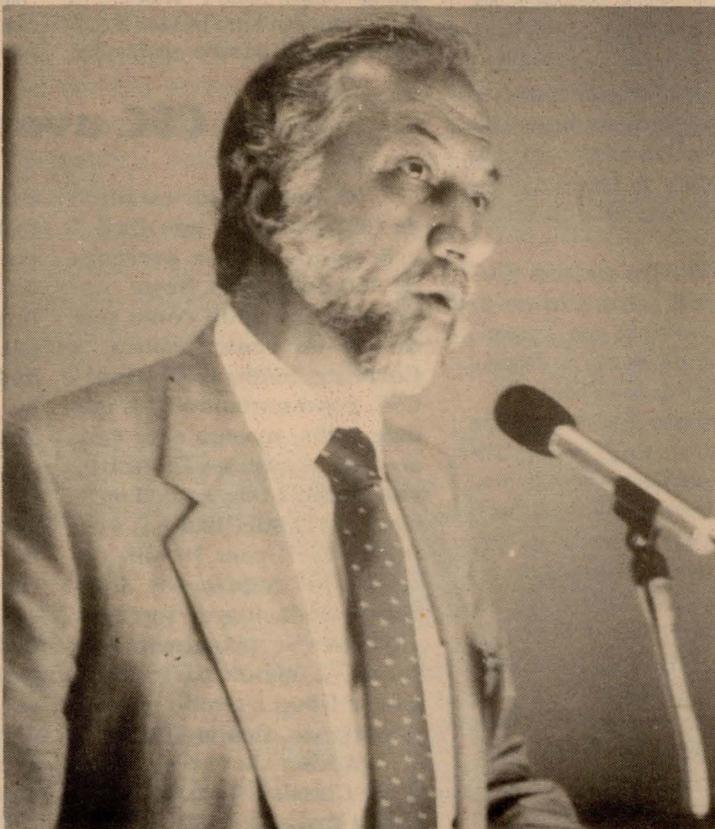
Da parte do governo, o que temos para os próximos dias vem como resultado de inquietante revezamento de empresários e sindicalistas em Brasília, cheios de sugestões e protestos com relação às medidas do Plano. Será uma flexibilização do plano de estabilização da economia dirigida a indústria da construção civil através de um programa de produção de moradias e do reforço da liquidez das empresas. Há alguns que propõem em relação ao setor bancário endurecimento. É o caso da associação das Indústrias Brasileiras de produtos para laboratório - Assibril. Seu presidente, Dr. Pedro Ynterian, em comunicado às autoridades do governo pede que elas intervenham no sistema bancário, de modo a conseguir que a liquidez seja aumentada, via empréstimos bancários, com juros de 1% ao mês, que é o máximo que se pode cobrar numa economia com inflação zero ou negativa como a atual, afirma. Para ele, "é ilusão pensar que os brancos vão colaborar com o plano e fazer empréstimos a juros justos. A ciranda financeira está retornando e deve ser cortada pela raiz." Ynterian alerta para o claro boicote que o sistema bancário está impondo ao plano econômico do governo - no que este tem de positivo - quando absurdamente cobram juros escorchantes para emprestar dinheiro a indústria a fim de cobrir suas folhas de pagamento e outras necessidades. Os empréstimos a clientes preferenciais giram em torno de 30% ou até mais de juros extorsivos, o que permite ao sistema bancário ganhar mais do que antes de 15 de março.

Paralisação de Vendas.

Preocupados com o caráter recessivo desse plano, que se pretende único, inadiável e sem retorno, empresários e sindic-



Antonio Carlos Cimino



Pedro A. Ynterian, presidente da Assibril

listas vão se dando conta dos estragos mais marcantes e perigosamente progressivos: redução nas vendas e no nível de absorção de mão-de-obra nas pequenas e médias empresas e a aviltante proposta de redução da jornada de trabalho dos empregados condicionada a igual redução dos salários.

Pesquisa da Associação Fluminense das Pequenas e Médias Empresas - Flupeme, nos dá a exata medida dos primeiros

tributos do pacote collorido. Das 370 empresas consultadas 90% diminuíram ou paralizaram suas vendas. Tal situação reflete diretamente no quadro de pessoal. Do total dessas empresas, 23% demitiram cerca de 22% de seus empregados e 52% consideram que provavelmente serão levadas a demitir em torno de 39% do total de funcionários. Até agora momento, cerca de 150 mil a 170 mil trabalhadores fluminenses perderam seus em-

pregos, havendo ainda a desalentadora expectativa de mais de 20% de demissões do total de 650 empregados. É apenas um exemplo, nos demais Estados a situação não é diferente. Tem-se, portanto um raio geral do plano, mostrando que a recessão não é tão somente uma causa natural de seu conteúdo, mas sim o seu objetivo.

Ou isso ou o caos

O governo de Collor hoje se preocupa apenas com a dosagem desta recessão com a sua repercussão junto aos banqueiros internacionais, aliados do governo e principalmente de sua repercussão junto aos trabalhadores. É que o governo teme que a oposição extrapole do âmbito sindical qualquer forma de protesto. Um movimento amplo de massas, somado ao apoio de importantes organizações da sociedade, podem pressionar congresso e governo contra o projeto neo liberal e mega-entreguista que a grande burguesia ora busca consolidar. Não é à toa que temos o raivoso Antonio Magri à frente do ministério do trabalho e Previdência Social. Ele tem a missão de promover derrotas às lutas dos trabalhadores e de suas representações sindicais. Apesar de seu total despreparo para com as peculiaridades da vida política (Magri recentemente declarou que o plano era "imexível" sic ! exceto em suas "capilaridades" sic ! o ministro busca atualmente aproveitar-se da onda de demissões para acenar-com muita demagogia - com promessas de vagas soluções rápidas para o problema, admitindo até que os trabalhadores se vejam forçados a ir à greve.

O fato é que para o governo de Collor de Mello o seu pacote é a única possibilidade de remediar a economia nacional. Quer fazer valer a lei do tudo ou nada.

Ou a sociedade, o congresso, os sindicatos aceitam serenamente as "imexíveis" sic ! medidas autoritárias e antipatrióticas deste governo ou - crêem seus adeptos - não derrubaremos as "capilaridades" sic ! que hoje abalam pequenas e médias empresas e empregos de milhões de trabalhadores brasi-

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

QUESTÃO DE ORDEM



Fazer valer os objetivos maiores do movimento operário

Ronald Freitas

O chamado Plano Collor, é uma proposta que tem por objetivo maior, integrar nosso país ao sistema capitalista mundial, através da subordinação total de nossos interesses aos do capital financeiro internacional. Com isso perderemos qualquer perspectiva de desenvolvimento auto-sustentado, onde o objetivo do desenvolvimento econômico, seja o de acabar com as desigualdades sociais em nosso país e garantir aos brasileiros condições dignas de vida.

A situação que se desenha a partir de promulgação do plano, mantidas as suas características centrais, é de que a economia viverá uma profunda recessão, com um duro arrocho salarial, desemprego e todo um conjunto de dificuldades para os trabalhadores assalariados. Aumentará numa escala nunca vista a dependência ao capital estrangeiro, ameaçando de sucateamento o parque industrial nacional. As empresas estatais, particularmente as que são produtivas e desempenham um papel de dar suporte a um desenvolvimento nacional independente, não só deverão ser privatizadas, mas a rigor para sobre elas a ameaça de extinção. Politicamente, o Presidente da República dispõe de poderes imperiais e governa de forma unipessoal e autoritária, apresentando tendências fascistas.

Tudo isso configura um quadro de agravamento das condições sócio-político-econômicas do país, com graves conseqüências para as condições de vida e trabalho do povo. Assim é necessário que a luta contra esse "pacote", se oriente para mobilizar amplas forças sociais, numa perspectiva de defender os interesses nacionais e democráticos de nosso país e de nosso povo.

O movimento sindical poderá e deverá manter uma decidida luta contra esse plano. É necessário ter uma justa compreensão de que as medidas nele contidas, se implementadas, introduzirão mudanças significativas em toda a sociedade brasileira. No movimento sindical isso caracterizará por: limitações à liberdade e autonomia sindical, duramente conquistada na constituinte. (Por exemplo, volta a vigorar o pernicioso "efeito suspensivo" nas negociações salariais). Por uma política salarial de arrocho onde, sob a capa de "livre negociação", se procurará transferir à massa assalariada o ônus do combate à inflação. Por um estímulo e apoio a um sindicalismo desvinculado das lutas políticas do povo, meramente preocupado com resultados imediatos.

O sindicalismo classista necessita avaliar de forma multilateral a situação criada e se lançar decididamente na luta contra esse plano. A recente integração da CSC (Corrente Sindical Classista) à CUT, cria novas oportunidades para levarmos essa luta a fóruns amplos e representativos do movimento. É necessário defender nos fóruns dessa Central que a luta contra o plano faz parte da luta maior do nosso povo contra o imperialismo e o latifúndio. Que o papel do movimento sindical, não é ser instrumento de uma "Transformação Democrática do Estado", mas sim o de elevar o nível de consciência política e organizativa dos operários e demais trabalhadores assalariados, com o objetivo de atingir o socialismo.

Para isso é necessário que a CSC (Corrente Sindical Classista) mantenha na CUT uma posição que, ao mesmo tempo em que participa das lutas e campanhas políticas e econômicas imediatas, conjunturais, trave um debate teórico e político com as concepções e práticas existentes nessa Central, que não estejam sintonizadas com os objetivos maiores do movimento operário brasileiro e internacional. Na CUT, a CSC (Corrente Sindical Classista) deverá defender uma orientação que não concilie com as classes dominantes; não isole o movimento sindical do conjunto do movimento social; que se proponha a lutar não por uma mediação entre classes oponentes, mas sim por uma sociedade onde a classe operária, o campesinato e seus aliados sejam dirigentes.

SINDICAL

Fortalecer e organizar a luta dos trabalhadores

Cada vez mais cresce a importância e a necessidade da realização do V Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais em julho próximo. Nosso colaborador, Antonio, Soares (Ton), informa que atualmente o país já conta com mais de 12 milhões de camponeses sem terra ou com pouca terra para produzir. Completando o alarmante quadro, o desemprego, o subemprego, o baixo salário perfilam como fonte da grave situação de fome de milhões de assalariados agrícolas.

Em alguns estados já se materializa a preparação dos congressos estaduais com o objetivo de fortalecer a realização do V Congresso. Minas Gerais é um deles. Realizará seu II Congresso Estadual em Belo Horizonte nos dias 8, 9 e 10 de maio, onde será eleita a nova diretoria da federação dos trabalhadores rurais. Também os baianos, num conselho de representantes de 70 sindicatos rurais, definiram a realização de seu II Congresso Estadual para junho. Igualmente seguindo a efervescência de congressos do campo, neste 1º semestre, o Movimento Sem Terra fará seu II congresso de 8 a 10 de maio, em Brasília,



Desafio do campo: politização

onde antes do plano Collor, prometiam levar cerca de 10 mil trabalhadores.

Em Jaboticabal-SP, nos dias 7 e 8, a Federação dos Assalariados Rurais do Estado - Feraesp, realizou o 1º Congresso dos Assalariados Rurais do Estado de São Paulo, que contou com a participação de 19 sindicatos. E para o fim do mês, de 30 à 4 de maio, no Ginásio do Pacaembu, em São Paulo, a CUT abrirá o primeiro congresso do seu departamento do campo, que discutirá a estrutura agrária, a sindical e traçará um plano de

ação. O V Congresso, nesse ano eleitoral e de plano recessivo, jogará um papel importante na politização dos trabalhadores do campo. A burguesia rural, para se manter no poder, sempre busca usá-los como cabresteiros eleitorais. Cabe ao movimento dos trabalhadores do campo a tarefa de arrancar das mãos dos capitalistas rurais o contingente de camponeses que tem servido de reserva da direita. Concientizá-los e incorporá-los à luta está na ordem do dia.

CSC avança dentro da CUT-BA

O congresso estadual da CUT da Bahia, nos dias 6, 7 e 8 contou com a presença de 560 delegados. Neste congresso participou como tendência da central única, a Corrente Sindical Classista - CSC, representando 27% dos delegados, mesmo sem contar com os grandes sindicatos vinculados à Corrente: Bancários com 19 mil filiados, Construção Civil com 70 mil, comerciários, rodoviários, dezenas de sindicatos do interior, vigilantes e principalmente rurais. A maior parte deles não se filiou a tempo na CUT e, portanto, ficaram de fora.

Apesar do revés, a Corrente Classista constituiu a segunda força da CUT na Bahia

e fará parte da direção da central com 11 representantes, entre eles Renildo de Souza, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, Alice Portugal, do Sindicato da Universidade Federal da Bahia - Asufeba, Luis Gavaza, diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Educação - APLB.

Adotando uma portura antidemocrática, a direção da CUT não aceitou a inscrição dos delegados da construção civil, alegando que o sindicato filiou mais de 70 mil em período impróprio, sendo que não hora estabelecida para filiar trabalhadores. É uma intromissão indevida da diretoria da CUT.

Das entidades que parti-

ciparam, a APLB foi a maior, representou 10% do congresso e 50% da delegação da CSC.

A tendência Articulação obteve 39% dos votos, a Força Socialista, Nova Esquerda, CUT pela Base, CUT pela Base Classista, juntas obtiveram 32% dos votos. O congresso não aprofundou as discussões políticas, por conta da questão eleitoral, mas mesmo assim, foi unânime a posição dos delegados de se combater as medidas recessivas e antipopulares do Plano Collor, demonstrando que os trabalhadores vão resistir ao confisco salarial e à entrega das riquezas nacionais às potências imperialistas.

Bancários, Vitória Classista

A gestão da atual diretoria do Sindicato dos Bancários da Bahia foi aprovada nas urnas, em prévia realizada dias 2 e 3. A chapa 1, da Corrente Sindical Classista da CUT, encabeçada por Álvaro Gomes, presidente da entidade, obteve 76,1% dos votos, contra 23,9% da chapa cutista ligada ao Partido dos Trabalhadores.

De um total de 18 mil associados com direito a voto, 11.120 bancários participaram da prévia.

A chapa "Classistas da CUT",

que tem na vice-presidência Everaldo Augusto, coordenador estadual da CSC, conseguiu 8.056 votos. A chapa 2 foi votada por 2.532 trabalhadores. Ao final da apuração, os concorrentes deram uma lição de democracia: formaram uma chapa única para concorrer às eleições da entidade, que ocorrerão entre os dias 21 e 24 de maio.

Os classistas da CUT indicaram 53 nomes para ocupar os cargos-chaves da diretoria - Presidência, Vice, Tesouraria, Secretaria Geral - e a chapa 2 indi-

cou 17 pessoas para cargos como a 2ª Tesouraria e Departamento de Aposentados. Assim, não haverá concorrência no pleito. Setores conservadores não apresentaram candidaturas.

-Essa vitória representa o desempenho satisfatório da atual diretoria, que em dois anos e quatro meses elevou de 15 mil para 19 mil o número de associados, criou sete delegacias no Interior do Estado e duplicou o patrimônio do Sindicato, disse Álvaro Gomes, também dirigente nacional CSC.



Araguaia completa 18 anos e é homenageada em Salvador

Neste 12 de abril o povo brasileiro comemora o 18º aniversário do início da resistência armada do Sul do Pará, movimento que entrou para a história como a Guerrilha do Araguaia. Uma das mais singelas e criativas homenagens ocorreu dois meses antes, no maior carnaval de rua do Brasil, em Salvador, Bahia, pelo grupo cultural Os Negões.

O nosso objetivo foi resgatar a história - ressaltou Carlos Alberto Scorpião da Silva, 38 anos, conselheiro político do grupo cultural Os Negões, ao comentar sobre o tema que escolheram para desfilar no carnaval de Salvador. A guerrilha do Araguaia, sufocada pela ditadura, precisa chegar ao povo, vencendo as manipulações dos meios de comunicação que servem à manutenção do poder pelos opressores, destacou.

Os Negões, fundado há sete anos, apenas estimulava a prática de esportes e a luta contra o racismo, que embora tenha grande importância e sejam iniciativas fundamentais, não atendiam às necessidades do momento político vivido pelos brasileiros. Resolvemos ampliar o nosso campo de ação e passamos a defender a educação, a saúde da po-

pulação, a protestar contra a violência policial e a nos engajar nas lutas dos bairros de Salvador, completa Scorpião.

O grupo tem três mil associados, mas, para não ser confundido com os blocos, só desfila no carnaval com 100 componentes. Se não fosse assim, não conseguiríamos destacar os protestos políticos, argumenta o conselheiro.

No São João, ano passado, Os Negões resolveram homenagear a revolta da chibata e seu líder João Cândido. E na festa do Bomfim, em janeiro, os homenageados foram

os deputados federais Benedita da Silva(PT/RJ) e Carlos Alberto Caó (PDT/RJ), por serem negros e se destacarem no processo de elaboração da nova Constituição federal.

Saimos às ruas para mostrar o quanto é ilusória a democracia que o poder dominante diz existir no Brasil. Isso não pode ser verdade numa terra de 65 milhões de miseráveis, 40 milhões de analfabetos e outros tantos milhões de desempregados.

Numa democracia verdadeira, ninguém dorme nas calçadas - assinalou Carlos Alberto Scorpião.

Canto para quem morreu na luta

Miguel Lucena

Num cartaz, Osvaldão, comandante guerrilheiro do Araguaia, sorria na passarela para as arquibancadas armadas em frente ao Teatro Castro Alves, em Salvador. As bandeiras vermelhas do grupo cultural Os Negões estampavam o grito de guerra de quem, com armas na mão, combateu a ditadura militar e o obscurantismo no País: "Morremos na luta".

Os Negões, que reúnem 100 componentes, escolheram o tema para denunciar a opressão que se abate, principalmente sobre os negros. A Guerrilha do Araguaia, combate travado no sul do Pará, entre 1972 e 1975, com militantes

do Partido Comunista do Brasil enfrentando armados o exército da ditadura, tem um significado especial para o bloco: a sua frente estava o dirigente comunista Osvaldão, negro como Os Negões, como eles discriminado, mas disposto a descortinar os horizontes da liberdade.

Pouco desafiados pela imprensa capitalista, os integrantes do bloco mesmo assim brilhavam ao lado do Olodum com seu corisco vingador e transformavam a manipulação do carnaval, a ilusão do pão e circo, em protesto organizado. O Araguaia não morreu.

O povo demonstra que quer florescer, criar a vida.

Copa com Classe

O fracasso do defensismo

Claudio Vladimir

A derrota para a Inglaterra no último amistoso precisa ser encarada com seriedade pelos homens que comanda a seleção brasileira. Apesar do gol de Muller, escandalosamente não validado pelo juizinho alemão, o resultado mostrou, de forma clara, a debilidade do esquema tático adotado por Lazaroni. Mais do que isso, deixou no ar uma interrogação inquietante sobre o fraco desempenho de alguns dos eleitos pelo torneio mineiro-carioca.

Mesmo enfrentando uma das seleções menos competitivas da Europa, que joga um futebol tradicional e antigo, baseado exclusivamente nos cruzamentos para o miolo da área em busca dos pés de Lineker.

O time brasileiro mostrou que ainda precisa melhorar muito se efetivamente pretende conquistar o tetra nos gramados da Itália. O jogo contra a Inglaterra comprovou que o esquema defensivo, retranqueiro e baseado exclusivamente no vigor físico de Dunga, Alemão e Silas não será suficiente para ganharmos a Copa. A ausência de atacantes natos, rápidos e criativos foi notada com preocupação.

Há tempo temos dito que o Brasil para ganhar essa Copa precisará de verdadeiros atacantes. Não basta a aplicação e a vontade de correr dos "alas" e "liberos" de Lazaroni. Com a quase certa exclusão de Romário, a coisa fica mais complicada ainda.

Como se isso não bastasse, o jogo contra a Inglaterra mostrou também que Dunga, Silas e Bebeto estão em péssima fase técnica. Bebeto há meses não faz nada nos jogos do Vasco e da seleção. Voltou a ser o menino chorão de antigamente e até uma gastrite collorida ele arrumou. Dunga e Silas, no jogo de Wembley, não fizeram nada. E Bismarck, ao contrário do que insinua seu nome, pouco tem de guerreiro ou de artilheiro. Definitivamente, não é jogador para uma seleção que quer ser campeã do mundo.

Faltando um pouco menos de dois meses para o início da Copa da Itália, é chegada a hora da galera botar a boca no trombone e exigir que Lazaroni saia da sua intransigência e reveja a sua relação de selecionáveis. Caso contrário, iremos depender apenas de Careca e Müller, os únicos atacantes natos desse time, o que é muito arriscado.

Por que Lazaroni não dá um grito pelo Brasil para olhar ao vivo alguns jogos dos campeonatos regionais? Quem sabe, se fizesse isso, ele poderia se convencer do talento artilheiro de Mirandinha, das qualidades excepcionais de Neto e da matreirice brasileira de Renato Gaúcho, só para citar algumas alternativas. Ele poderia também constatar a segurança e tranquilidade de Ronaldo, do Corinthians, e de Veloso, do Palmeiras, dois goleiros que não estão em fase infinitamente melhor que Acácio e Zé Carlos, os eleitos de Lazaroni para o banco. Fora do Brasil ele poderia colher alguma observação mais segura sobre João Paulo, ex-Guarani de Campinas, hoje no Bari da Itália, outra boa opção ofensiva.

Além disso, a galera deve gritar cada vez mais alto, exigindo a montagem de um time ofensivo, que sem abrir mão das versatilidades exigidas pelo futebol moderno, jogue jogo aberto, franco e irreverente, cheio de ginga, malícia e toque de bola, que fizeram do Brasil um time tri-campeão do mundo!

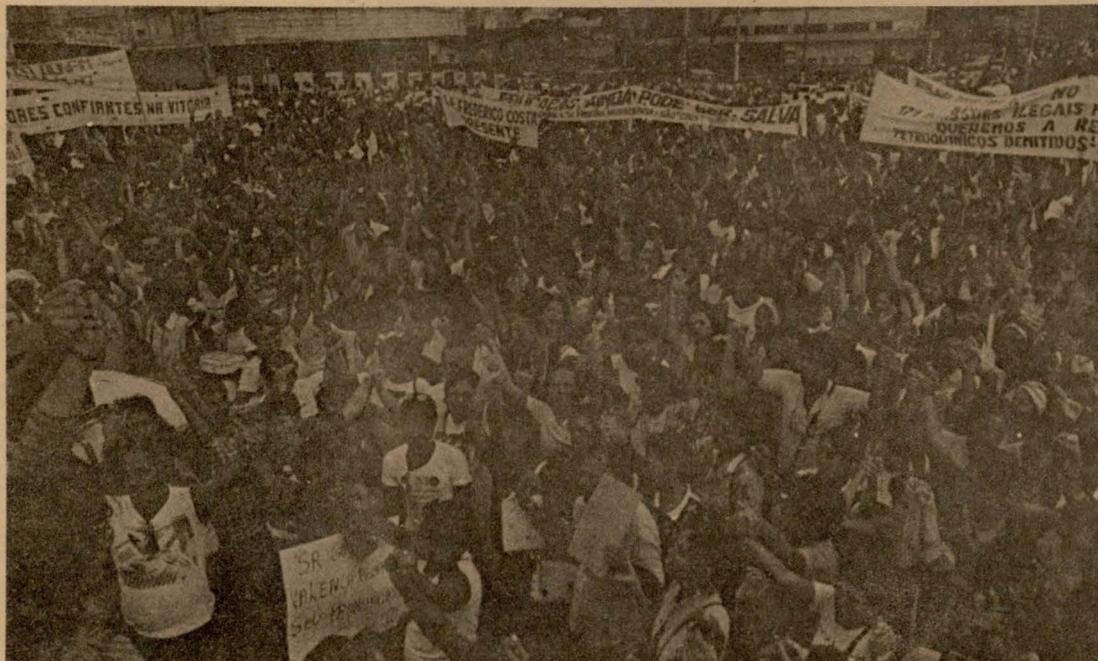
Com tudo isso dificilmente acontecerá, o remédio é fazer figa e torcer para que os pastores alemães de Lazaroni façam gols, além de manter o nível de desempenho.

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Um milhão de alunos sem aula na Bahia

A luta dos educadores não pára sob o comando da APLB



Mais de um milhão de estudantes baianos vão perder o primeiro semestre letivo em consequência da desativação acelerada, pelo governo estadual, da escola pública, em estado de degradação. Das 4.500 unidades de ensino da rede oficial na Bahia, 2.700 não apresentam as mínimas condições de funcionamento, com banheiros fechados, vazamentos, paredes escoradas, tetos desabando, carteiras quebradas e sem giz, papel e lápis.

Falta também segurança nas escolas. São constantes os casos de estupro que, de tão rotineiros, ganham pouco espaço nas páginas dos jornais locais. A indiferença do governo em relação ao problema deixa clara a estratégia das elites dominantes de manter na ignorância os filhos dos trabalhadores, evitando assim que eles possam um dia gover-

nar e controlar quem governa.

Para enganar a comunidade, o governo instituiu o rodízio escolar - esquema pelo qual o aluno estuda em dias alternados, com a jornada de aulas reduzida de quatro para três horas. E, concretamente, não aprende com a instituição dessa aberração pedagógica.

A situação é tão grave e alarmante que há poucos dias as bioquímicas Rosely Fernandes e Maria de Fátima Brasil encontraram um pedaço de áscaris lombricóides (lombriga) em decomposição no reservatório de água do colégio Edgard Santos, um dos mais tradicionais da Bahia. E, noutras escolas, o exame da água coletada, que servia à comunidade escolar, comprovou alto índice de coliformes fecais.

Pode-se dizer que, na Bahia, a Educação está entregue aos vermes.

Governador estimula o faz-de-conta

/// Vocês fingem que estão ensinando e eu faço de conta que estou pagando". Assim se expressou o governador da Bahia, Nilo Coelho, ao ser interpelado por uma professora de Xique-Xique, sertão baiano, que apresentava um contracheque de Cr\$ 91,00, salário que recebe mansalmente. Ele se deixou trair, mostrando que quer o faz-de-conta nas escolas públicas.

Além disso, o governador se recusa a cumprir as determinações do Tribunal Regional do Trabalho, que julgou favorável o dissídio impetrado pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Bahia - APLB -, concedendo à categoria reposição salarial de 53,5%, ganho real de 30% e pisos de 2,5 mínimos para professores e 1,67 para funcionários.

Decidido a recorrer da decisão do TRT, Nilo Coelho evita o diálogo com a APLB. Chegou, inclusive, a expulsar os dirigentes da entidade de seu gabinete, durante a greve deflagrada no dia 14 de março e que durou 16 dias. E para camuflar sua atitude prepotente e irresponsável, assim como a destruição das escolas que se acentuou em seu governo, alegou que a greve era política e objetivava promover a líder dos educadores, Maria José Rocha Lima, candidata a deputada estadual pelo Partido Comunista do Brasil. Só

que ele se esqueceu de uma coisa: Maria José sempre esteve presente na luta dos educadores e nunca transigiu ante os governos. E os professores e funcionários jamais deixariam de reivindicar seus direitos só porque este ano é um ano eleitoral.

A situação salarial dos professores e funcionários é muito difícil.

As duas categorias ganham abaixo do mínimo em mais de 300 municípios baianos, sem contar os que pagam Cr\$ 91,00 e 120,00, como Xique-Xique e Ipirá.

Tribunal julga educação

A presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Bahia, Maria José Rocha Lima, disse, em entrevista, que só um amplo e forte movimento, reunindo educadores, intelectuais, estudantes, pais de alunos e diversos segmentos da sociedade, pode salvar a escola pública. "Vamos lutar intensamente por essa mobilização", assinalou.

A APLB informou que Maria José começa a manter contatos com Florestan Fernandes, Antonio Houaiss, Lucília Regina e outros educadores de renome, para

instalar, na Bahia, o Tribunal Anísio Teixeira, cujo objetivo é julgar os crimes contra a educação e seus responsáveis.

O movimento já conquistou o apoio de vários parlamentares, dirigentes sindicais e associações comunitárias. Mas o governo tenta, de todas as formas, boicotar as iniciativas da APLB e sufocar os protestos da população. "Triste Bahia", diria Gregório de Matos, talvez amargurado com os governantes reacionários que aqui se revezam no poder.

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois (M.L.)

Mulheres paulistas realizam congresso de luta em Santos

Ana Maria Rocha*

Realizou-se em Santos, SP, nos dias 30 de março a 1.º de abril o I.º Congresso da União Popular de Mulheres do Estado de São Paulo, que contou com a participação de cerca de 400 mulheres de diversos municípios. O congresso teve o apoio da prefeita de Santos, Telma de Souza, e dos sindicatos dos portuários e petroleiros de Santos. Foi prestigiado em sua abertura com a presença de representantes do PC do B, do PT e do PDT, da União Brasileira de Mulheres, de entidades de mulheres de outros Estados como Amazonas, Paraná e Minas Gerais e da coordenadora da Comissão de Mulheres da CUT.

O nervosismo causado pelo atraso da abertura do I.º Congresso da União Popular de Mulheres do Estado de São Paulo foi quebrado quando a delegação do bairro de Campo Limpo, da Capital, entrou cantando no plenário: "Foi difícil chegar até aqui, mas cheguei!" Pois é, enfrentando as dificuldades do Plano Collor, a neblina da estrada de Santos e o enguiço dos ônibus, cerca de 400 mulheres de várias cidades do Estado de São Paulo se deslocaram até Santos para participar de debates, definir planos de lutas e eleger a nova diretoria da União Popular de Mulheres do Estado de São Paulo.

Duas mesas abordaram a questão específica da mulher. A primeira, coordenada por Neide Abate, vice-presidente da entidade, e com a exposição de Ana Maria Rocha, diretora da Revista Presença da Mulher e de Sara Sorrentino, tesoureira da entidade, sobre o balanço das conquistas das mulheres na década de 80 e as perspectivas de luta. A

segunda mesa foi coordenada por Liège de Paula, secretária-geral da entidade e com a exposição de Jô Moraes, presidente da União Brasileira de Mulheres e de Lilian Martins, presidente da UPMESP, sobre o caráter das organizações de mulheres, dificuldades e desafios. Durante a tarde de sábado, 11 grupos debateram esses temas e apontaram conclusões para o relatório final. No domingo pela manhã houve um acalorado debate sobre o Plano Collor, com base em exposição feita pelo economista Fernando Puppo.

Contra o Plano

As participantes do I.º Congresso da União Popular de Mulheres do Estado de São Paulo chegaram ao final dos debates com a certeza de que a mulher avançou em sua participação, particularmente no mercado de trabalho e de que hoje sua opressão é reconhecida por toda a sociedade, embora muitos de seus direitos, já reconhecidos nas leis, ainda não estejam traduzidos na vida. Concluíram também que a luta da mulher contra a opressão passa pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária, uma sociedade socialista.

Preocupadas com a situação de crise que o País atravessa, as congressistas alertaram para a falsidade das atuais medidas econômicas que aparentam atingir os mais ricos, mas na verdade atingem os mais pobres, arrojando os salários, provocando desemprego e colocando em risco a soberania nacional. Nesse sentido, decidiram integrar, através de suas entidades, as manifestações contrárias ao atual plano econômico, particularmente na defesa das estatais, ameaçadas de forma mais imediata. As mulheres afirmaram sua desisão de não serem fiscais do governo, mas sim de seus salários, de seus empregos, da soberania do País e das liberdades democráticas.

Saúde e trabalho



A diretoria eleita da Upmesp. No destaque a presidente, Lilian Martins

No que se refere às questões específicas, o destaque foi para a saúde, os equipamentos sociais, e o direito ao trabalho. A luta contra o sucateamento dos serviços públicos, hospitais e maternidades, contra a política de privatização do setor de saúde atualmente em curso, e pela manutenção do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, terá destaque com a manifestação a ser realizada em todo o Estado de São Paulo no dia 28 de maio, dia de luta pela saúde da mulher, com concentrações, debates e visitas organizadas aos Postos e Centros de Saúde.

Quanto ao direito ao trabalho, mais do que nunca as entidades colocam a necessidade da fiscalização contra os abusos dos patrões. Tentarão formular um dossiê com as discriminações cometidas contra a mulher no mercado de trabalho, que será entregue à Delegacia Regional do Trabalho em São Paulo no dia 26 de abril, como parte de uma mobilização nacional encabeçada pela União Brasileira de Mulheres. Ganhou corpo no congresso o debate sobre a necessidade de por fim à dupla jornada de trabalho e pelo alívio da sobrecarga do trabalho doméstico com a instalação de lavanderias e restaurantes coletivos assumidos pelo Estado. A necessidade de retomar a luta por creches também foi colocada para que as crianças fiquem em segurança e com assistência enquanto as mães e os pais trabalham.

O I.º Congresso da União Popular de Mulheres do Estado de São Paulo, realizado 15 dias após a posse do novo presidente da República e na vigência de mais um plano econômico, debateu o momento político e a luta das mulheres paulistas para o primeiro semestre de 1990, refletindo o estado de alerta às novas medidas econômicas e a urgente necessidade de mobilização das brasileiras.

A nova diretoria empossada, tendo como presidente Lilian Martins, terá pela frente a responsabilidade de levar à prática um plano de lutas combativo para fazer avan-

çar as conquistas das mulheres paulistas.

A plenária do Congresso aprovou o manifesto que publicamos no box.

A força e a garra

Vindas da periferia das regiões Norte, Sul, Leste e Oeste de São Paulo, do centro bancário, das fábricas do ABC, das salas de aula, das plantações de cana-de-açúcar da região de Ribeirão Preto, de dentro de nossas casas, das cidades pequenas, médias e grandes do interior e do litoral, das universidades, saídas da máquina, do tanque, da enxada ou do fogão, nos reunimos aqui e manifestamos nossas alegrias e nossas tristezas.

Alegria de estarmos juntas e de ver a força e a garra da mulher crescer e conquistar espaços. Tristeza diante das preocupações, inseguranças, e injustiças que assistimos em nosso País.

Nos reunimos 15 dias após a posse do presidente eleito pelo voto e na vigência de mais um plano econômico que diz pretender tirar o País da crise. Manifestamos nossa preocupação de que se procure, mais uma vez, tirar o País da crise, sem tirar seu povo da miséria. E, o País não sairá da crise, pagando a dívida externa, já paga tantas vezes, sobre a qual não sabemos o que será feito pelo atual governo. Não sairá da crise, sem que seu povo tenha saúde, alimentação digna, educação, segurança, liberdade, empregos e salários justos. E o novo plano já arrojou nosso salário de março e diminuiu o índice de aumento do salário mínimo. O País não sairá da crise se não se dividir a terra do campo e da cidade, a produção, o trabalho e moradia, e o novo plano

não toca nos grandes donos de terra. O País não sairá da crise com recessão, concentração de renda, crise de abastecimento, como a que já se prenuncia, nem com a entrega de nosso parque industrial e de nossas riquezas ao capital estrangeiro, como essa desestatização indiscriminada proposta pelo novo presidente. E, o Brasil não sairá da crise enquanto as mulheres forem discriminadas, sofrerem perseguições no emprego, não tiverem creche para seus filhos, saúde e direito à maternidade livre e consciente, não tiverem do governo políticas que atendam suas reivindicações, sem esmolas, nem medidas demagógicas. Não queremos pacotes recessivos, nem desemprego, nem medidas provisórias de exceção. Não queremos o desrespeito à Constituição, e aos canais de participação popular; a rede Globo não é nosso fórum de participação. Queremos um Brasil soberano, moderno, democrático, próspero e sem discriminação e injustiças.

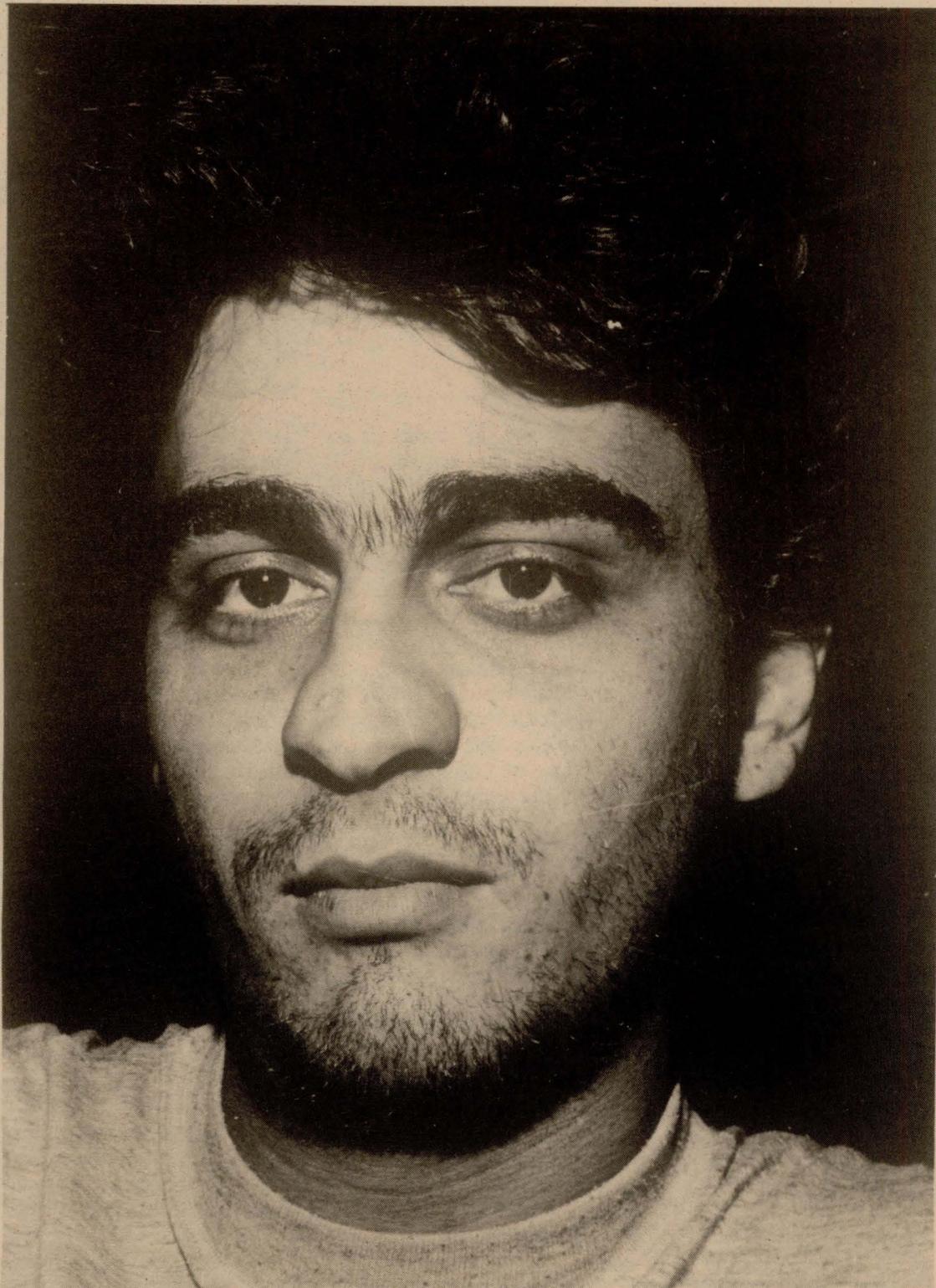
Queremos sim, a união de todos os setores democráticos e progressistas, de trabalhadoras e donas de casa, homens, mulheres, jovens, idosos, negros, a união de todos aqueles que não temem sonhar com uma sociedade livre e igualitária.

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
da direção nacional do PCdoB,
responsável pela Comissão da Frente
de Mulheres

Queremos unir política e estética

Roberto Lima

Por Cacá Mendes



O Teatro do Bixiga, em São Paulo, através do seu núcleo de produção, o **Grupo Necas**, trouxe para o palco um dos maiores escritores brasileiros deste século, Graciliano Ramos. O **Grupo Necas**, formado por profissionais da área, investiga e instiga um Graciliano nada menos interessante e brilhante que um Graciliano de "Vidas Secas" e "Memórias do Cárcere", já conhecidos pelo grande público do cinema. "Angústia", agora no teatro, é o mais novo sucesso numa adaptação deste romance de Graciliano Ramos feita pelo dramaturgo e diretor teatral Roberto Lima. "Angústia" é uma tragédia moderna a partir de um crime passionnal onde se prioriza a discussão da decadência humana diante de um sistema degenerado e podre. O espetáculo traz um homem puxando um fio de novelo e desenrolando no tempo várias lembranças. Não importam os fatos e sim o círculo dos fatos.

Graciliano Ramos, nascido em Quebrangulo (AL) no ano de 1892 e falecido em 1953, é autor de vários romances e contos, entre eles o consagrado "Vidas Secas". Em 1936, durante o Governo Vargas foi preso permanecendo um ano nos cárceres de Maceió, Recife e Rio de Janeiro. Foi preso sem processo, com a alegação de ser subversivo e escrever atacando o sistema capitalista.

Roberto Lima dirigiu, entre outros, o sucesso de público e crítica em 1988, a peça "Todas as Vezes que Dissemos Adeus" de Marco Ricca e ainda foi assistente de direção da peça "Cabaret", com a direção de Jorge Takla em 1989. Agora dirige a peça "Angústia", adaptação do romance de Graciliano Ramos. Roberto Lima é um jovem artista de 25 anos que entre muitos outros trabalhos de teatro também é iluminador, já tendo arrebatado vários prêmios na função.

Classe: Há quanto tempo existe o **Grupo Necas** e quais os principais trabalhos já realizados?

Roberto Lima: Começamos em 1979 quando o Necas era apenas um núcleo, que depois foi amadurecendo até se transformar no Necas de está aí.

Na verdade o grupo existe desde 83

com trabalhos profissionais que resultaram em sucessos de crítica e público, como as peças "Todas as Vezes que Dissemos Adeus", "Bakunin", "Paravacina" e "Methodos".

Classe: Em que difere o teatro do Necas em relação ao teatro dos anos 60 e 70?

Roberto Lima: Não diria em termos de Necas, mas em relação geral no que está ocorrendo com todo meio teatral. Há uma dispersão pela falta absoluta de perspectiva política e profissional.

Naqueles anos o tempo era de resistência e unidade. Um tempo de movimento. Hoje não acontece mais. Está tudo desmembrado.

Naquele teatro que se fazia nos anos 60 havia

algo que se unia... o que nós estamos tentando é um ponto de unicidade política e estética, dar um pouco daquilo que se fazia muito, um projeto de pesquisa, onde se possa caracterizar um teatro que dê condições para reavaliar pessoas e obras, como o Bakunin, Graciliano, Artaud, Oswald de Andrade e muitos outros. Revisitar o tempo deles, o pensamento e seus compromissos.

Classe: Há alguma preocupação política com as peças que vocês montam?

Roberto Lima: Há, mais nada propagandístico. É tão política quanto moral, poética, estética e sexual. Não temos um alinhamento ideológico, unívoco.

Possuímos uma preocupação ética que passa por anarquistas, comunistas e independentes. O que interessa é a qualidade da discussão que se levanta.

Classe: O que se espera de um Graciliano Ramos no teatro?

Roberto Lima: Tem dois lados: primeiro é recuperar a qualidade da reflexão que ele tinha sobre o Brasil e a humanidade em geral. Outra, este romance me pareceu oportuno. É algo contundente e agudo e ao mesmo tempo um exercício de linguagem requintado que se tornou uma coisa instigante de se traduzir para o teatro. Também, há trama, que aparentemente é simples, se desvela uma

trajédia extremamente cruel. O Graciliano casa um tipo de discussão ética que a gente quer manter em público neste momento.

Classe: Como se chega a um resultado dramático a partir de uma obra literária?

Roberto Lima: A primeira coisa é limitar o universo do livro no sentido de se dar uma prioridade, que no meu caso é a trama. Tem um processo que é muito delicado que é o seguinte: você tem que reconhecer ou indentificar o uso que o autor faz dos códigos de linguagem literária e buscar paralelos nos códigos de linguagem dramática.

Outra coisa é o tratamento da personagem: A escolha de texto para cada personagem tem que ser muito precisa no sentido de demonstrar esta personagem, com muito menos recursos do que a literatura dispõe.

O processo mais perigoso é quando você tem que humanizar, criar um texto onde o ator tem simplesmente uma referência para criação.. Dar tudo que ele sabe de si.

Classe: Chegou a haver alguma angústia ao trabalhar a peça " Angústia ", digo, alguma barreira quase intransponível?

Roberto Lima: Milhares. Começou pelo próprio processo de adaptação. Só não é tão complicado quanto Guimarães Rosa. A gente escolheu fazer um espetáculo que privilegiasse o ator pra ele poder lidar com as emoções que o Graciliano propunha. A peça envolve um esforço e uma preparação física muito grande e ainda tem um ritmo e circularidade de cena que é muito delicado. É fácil sair dos limites. Tudo é muito demarcado. Mas não foi um fantasma. Nós tentamos responder a essa angústia com violência e determinação. Não há angústia.

Classe: A imprensa, no geral, está dando o destaque merecido e digno e um Graciliano Ramos?

Roberto Lima: Não. Está sendo irrisório. Os jornalistas não sabem quem é Graciliano Ramos. Os que sabem não entendem. Os que entendem, entendem errado. Se o Machado de Assis é incompreendido o Graciliano é desconhecido, e, o Guimarães Rosa é provavelmente um escritor alemão.

Classe: Você acha que o Graciliano aplaudiria o espetáculo " Angústia " ?

Roberto Lima: Não faz a menor diferença. Por que ele iria me decepcionar demais se não tivesse consciência de que a obra dele está aberta para mim e pra qualquer outro. O Graciliano não é só um escritor, ele é a história da literatura brasileira e parte constitutiva dela. É o alicerce do pensamento que se elabora neste país.

Este pensamento é melhor porque é crítico e desconhece auto-indulgências, que é tão comum na intelectualidade brasileira.

Classe: E os projetos novos, dá pra falar deles?

Roberto Lima: Nós estamos desenvolvendo uma pesquisa grande sobre o Oswald que

vai gerar um novo espetáculo. Embora eu me considere um comunista, não esperem de mim uma "malhação de judas". O Grupo ainda pretende realizar uma série de estudos e espetáculos com obras do dramaturgo William Shakespeare.

Classe: E o que significa o espaço Teatro do Bixiga, hoje em São Paulo?

Roberto Lima: Um espaço de fomento cultural. Um Teatro onde se manifestam algumas das coisas que estão na ponta da produção cultural paulistana. Um reduto de amor ao teatro.

Classe: E o que há de novo no "front" cultural da cidade de São Paulo, com o novo governo e suas performances, digo, medidas?



O grupo Necas encena "Angústia" no Teatro do Bixiga

Roberto Lima: Está um processo de imobilidade produtiva e uma perplexidade muito grande. O governo, este também, trata a cultura como privilégio, além de não ter uma política cultural. Até agora tem se mostrado insensível e desconhecedor de causa. O secretário de Cultura, o sr. Ipojuca Pontes, é uma piada... Sem comentários.

Classe: E o que você espera do novo presidente?

Roberto Lima: Espero que não nos atrapahe, porque com certeza incentivar a produção cultural ele não vai mesmo. Do ponto de vista de um capitalista ele pode até ser um bom administrador, mas dentro das necessidades reais do povo brasileiro ele é totalmente insensível.

Classe: Se você tivesse que escolher entre Gerald Thomas e Antunes Filho, com quem você ficaria?

Roberto Lima: Com os dois. Meu sonho é vê-los num mesmo espetáculo.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

O mestre Graça, um dos maiores escritores brasileiros

13 de abril a 26 de abril de 1990/A Classe Operária

O império britânico já não é o mesmo

A imponente e soberba Inglaterra foi conduzida pelas mãos (de ferro segundo comentavam seus admiradores) da dama conservadora Margareth Thatcher às terras prometidas pela onda neoliberal. Há 10 anos é palco de elogiadas reformas com tal inspiração, mas ultimamente parece ter se transformado também em cenário de dramas e tragédias que não poucos julgavam exclusivas de países do chamado terceiro mundo.

"Nunca tive vergonha de ser britânica antes", ressalta a atriz e líder política (do partido trabalhista) Glenda Jackson. A dama de ferro, em sua opinião, levou a Inglaterra "à decadência física, social e moral". Os acontecimentos das últimas semanas dão razão à atriz.

Motim

Em apenas um dia, 9 de abril, presos de seis penitenciárias rebelaram-se de forma violenta contra as condições carcerárias que são forçados a suportar. Tal como no Brasil, os presídios ingleses vivem super lotados e apresentam deficiências de todos os tipos, carecem inclusive de instalações sanitárias. No início do mês cerca de mil presos realizaram um motim em uma penitenciária de Manchester (com capacidade para 970 pessoas e abrigando 1600), deixando um saldo de quase uma centena de feridos e, segundo algumas fontes, mais de 20 mortos.

O curioso é que tiveram apoio ativo de uma parcela da população - formada principalmente por uma leva de jovens desempregados, candidatos em potencial a marginais. E isto não deve ser encarado como uma mera coincidência, é apenas mais um sinal de que a crise social da Inglaterra

se agravou enormemente no reinado da dama de ferro e já atingiu um patamar perigoso, explosivo. "Adolescentes estão dormindo nas calçadas em caixas de papelão", lamenta Glenda Jackson.

De fato até a velha noção de "welfare state" (estado do bem-estar social), bandeira dos trabalhistas e partidos reformistas da Inglaterra, naufragou sob as águas do neoliberalismo. Mas Margareth Thatcher parece estar abusando demais da paciência dos ingleses, não tão generosa como a dos poloneses.

A mulher decidiu impor ao povo um ousado e estranho imposto único, em substituição ao imposto territorial, que nivela ricos e pobres para efeito de taxação, exigindo de cada um inglês maior de 18 anos o equivalente a 390 libras esterlinas (cerca de 40 mil cruzeiros) a título de contribuição com

o Estado liberal. Obviamente a medida beneficia ricos e prejudica os pobres. A própria dama de ferro sai lucrando pelo menos 1500 libras por ano, pois deixa de pagar pela sua bela mansão no bairro londrino de Dulwich um imposto de 2.725 libras para contribuir com 780 libras, junto com o marido, pelo novo método.

A teimosia da primeira ministra, que não abre mão da instituição do imposto único, foi como uma gota d'água para a multidão de insatisfeitos, que cresce como cogumelo na atual Inglaterra. Nada menos que 200 mil populares foram às ruas de Londres protestar contra Thatcher. Além de farta queima de cartazes com o retrato da dama inglesa e faixas propondo a sonegação ("não pague nem coleite o imposto único", dizia uma das faixas), depois de provocações feitas pela polícia, a manifestação evoluiu

para uma violência que está se tornando uma marca registrada do país. Saques a lojas e mais de 400 pessoas, entre policiais e populares, feridas. Um saldo "nada invejável", conforme comentou um tradicional periódico britânico.

A "dama de ferro" promete manter o imposto, mas a verdade é que está pagando um preço alto pela arrogância, levando de roldão o Partido Conservador.

A popularidade de Thatcher anda pela casa do zero e a dos conservadores também cresce como rabo de cavalo, e velozmente - num dos últimos levantamentos feitos por institutos de pesquisas eles contavam com apenas 15% da preferência do eleitorado, enquanto os trabalhistas marcavam 54% de apoio. Pode ser que tenha durado pouco "a moderna" e nefasta experiência neoliberal da Inglaterra.

O Leste vive a crise do capitalismo

Cerca de 400 pessoas lotaram o plenário da Assembléia Legislativa de Sergipe para debater com o presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, a crise dos países que compõem o Leste europeu. Formou-se uma mesa ampla, com a participação de representantes do PT, PDT, PV, além da OAB-SE e da CUT, o presidente da Sociedade Brasileira de Biofísica e ex-reitor da UFS, Eduardo Garcia, e o presidente regional do PCdoB, vereador Edvaldo Nogueira.

O plenário contou com a presença de vários sindicalistas, dirigentes de entidades estudantis, o deputado Marcelo Deda (PT) e os vereadores Jackson Barreto (PDT), Emanuel Nascimento (PDT) e Rosalvo Alexandre (PDT).

Revisionismo

Amazonas iniciou o debate sustentando que nos países em questão há muito não havia mais o socialismo, muito menos se podia falar da existência de comunismo neles, uma vez que já tinham se transformado em regimes capitalistas. O XX Congresso do PCUS, conforme o presidente do PCdoB, marcou o início da transição ao capitalismo na região.

Momento de grande emoção foi quando ele afirmou que era a única testemunha viva do cerco do Kremlin em 1957 pelas tropas do Exército Vermelho enquanto ocorria uma reunião do Comitê Central do PCUS que discutia a destituição de Krushev. O cerco militar garantiu a continuidade de Krushev - e, com ele, das capitalistas -, assim como o afastamento das lideranças bolcheviques que tinham sobrevivido. Foi um golpe aplicado pelos revisionistas, mortal para o partido.



João Amazonas fala sobre o Leste europeu em Sergipe

Amazonas salientou a necessidade de aprofundar o estudo dos problemas que ocorreram durante a construção do socialismo na URSS para que se compreenda melhor as condições que propiciaram a ascensão dos revisionistas ao poder. E finalizou dizendo que, apesar dos problemas e da grande crise que atravessa, o socialismo será o futuro

da humanidade. Ao terminar a exposição ocorreu um rico debate. João Amazonas abordou também os efeitos do pacote econômico baixado por Collor, mostrando o seu caráter antinacional e antipopular.

No dia seguinte, todos os jornais noticiaram o debate, enquanto o presidente do PCdoB falou no programa "Bom Dia Sergipe" durante oito minutos e em outras emissoras de televisão do Estado. Amazonas também fez um concorrido debate em Salvador ao qual compareceram mais de 300 pessoas, e falou sobre o tema em São Paulo durante a Conferência Extraordinária do PCdoB (veja matéria nas páginas 18 e 19). Na Universidade federal do Rio de Janeiro, o

professor Luis Fernandes debateu com cerca de 400 pessoas a crise do Leste europeu, que igualmente foi tema de uma palestra do editor desta Classe, José Reinaldo Carvalho no Pará, onde o jornalista fez dois debates, reunindo um público de 500 pessoas em um e cerca de 300 em outro. (Tânia Soares, de Sergipe, e sucursais).

Promessas do capital à Polônia

Umberto Martins

“Hic Rhodus, hic salta!”

Em uma das fábulas de Esopo, citada por Marx em seu “O 18 de Brumário”, um fanfarrão gaba-se de um salto espetacular que teria executado na ilha grega de Rodas, assegurando que possuía testemunhas da façanha. Um dos seus ouvintes, céptico, propõe: “Para que citar testemunhas se é verdade? Aqui está Rodas. Salta aqui!”.

Os fatos em desenvolvimento no Leste europeu, em particular na Polônia, parecem impor um desafio análogo aos ideólogos burgueses. Até agora estes senhores souberam aproveitar a crise dos regimes revisionistas, atribuí-las ao socialismo e contrabandear o receituário neoliberal como meio de cura adequado e único para os males da região. E eles podem se gabar de que o povo, desacreditado dos governos revisionistas, até acreditou em apelos dramáticos como o do polonês Lech Walesa (“não há saída”, bradou) - e também não há porque negar-lhes o direito de sonhar com “a vitória definitiva do liberalismo” enquanto desfrutaram as boas colheitas do Leste europeu. Mas enganam-se aqueles que pensam que a história acabou, ela mal começou e agora já se pode vê-la cobrando aos capitalistas as façanhas propagandeadas. Ou seriam fanfarronices? Teremos a oportunidade de assistir ao vivo.

Estagflação

A Polônia, mais que a Hungria, tem funcionado como principal cobaia da “revolução” (segundo a revista “Veja”) em curso na região e que, em linhas gerais, consiste na rápida implantação de formas abertamente capitalistas tanto no campo econômico como no político, e destacadamente na imposição da hegemonia do mercado como reguladora da produção.

A decisão do governo polonês de promover a reestruturação econômica vem merecendo uma admiração incontida da burguesia. Mas os efeitos imediatos revelam um custo social altíssimo. A Polônia já foi brindada com um dos produtos mais modernos do capitalismo, uma combinação de recessão, da pesada, com inflação, um fenômeno que chegou a ser batizado de estagflação pelos economistas.

“As conseqüências foram dramáticas”, comenta a revista inglesa “The Economist”.

“Em janeiro a inflação galopante (70% apenas naquele mês, depois de um índice para os doze meses anterior estimado em 700 a 900%) e um rígido estrangulamento salarial provocaram queda de 40% no padrão de vida dos poloneses.

E estes 40% foram extraídos do que já era, após 15 anos de contínuo declínio econômico, um dos mais baixos padrões de vida de toda a Europa”.

Desemprego em massa



O “Solidariedade” mudou. Antes agitava as massas contra o regime. Hoje, apelegado, virou governo

A reestruturação inclui a falência e privatização em massa das fábricas estatais. E o saldo tem sido uma depressão cujas proporções ainda não foram completamente fixadas. Até o final do ano, segundo projeções do FMI e Banco Mundial, cerca de 1,2 milhões de trabalhadores estarão desempregados - e o governo se orgulha de já haver demitido 200 mil durante os dois primeiros meses deste ano. A produção industrial caiu 29%.

Neste primeiro momento do plano o governo tem contado com o apoio da população, captado pelos institutos

de pesquisa. É compreensível que seja assim, uma vez que a ideologia dominante sustenta que não existe outra alternativa. Lembremos que ela se impôs, afinal, na esteira de uma dura e prolongada luta de massas contra o regime revisionista.

E aqui faz-se necessário um breve comentário: embora falsa, a idéia de que ocorria, na região, o fracasso das formas socialistas faz parte do senso comum, especialmente no caso dos trabalhadores daqueles países. Não é de espantar um certo consenso em torno da solução capitalista.

Os revisionistas não deixam saudades, mesmo porque “emporcalharam” o termo socialista, como nota “The Economist”, mas agora quem tem de se haver com a história não são mais tais representantes camuflados dos interesses burgueses. Os governantes poloneses acenam com a terra prometida depois da tempestade provocada por suas reformas. Mas o que podem realmente oferecer?

Já se disse que a principal causa da crise econômica da Polônia é sua gigantesca dívida externa (de 42,1 bilhões de dólares, conforme dados do Banco Mundial para 1987, o equivalente a mais de 60% do PNB) e o esforço de Sisifo

que se faz para pagar seus encargos. É óbvio que uma economia nessas condições - a serviço prioritariamente da extração de lucros para a comunidade financeira mundial - não pode ser considerada socialista, a não ser por má fé ou ignorância dos princípios elementares do sistema. Lembremos que a dívida vem crescendo desde a década de 70 e já em 1982 - quando a crise do endividamento externo estourou em todo mundo - a Polônia aplicava remédios amargos, seguindo o receituário do FMI, para “ajustar” sua economia à voragem dos credores.

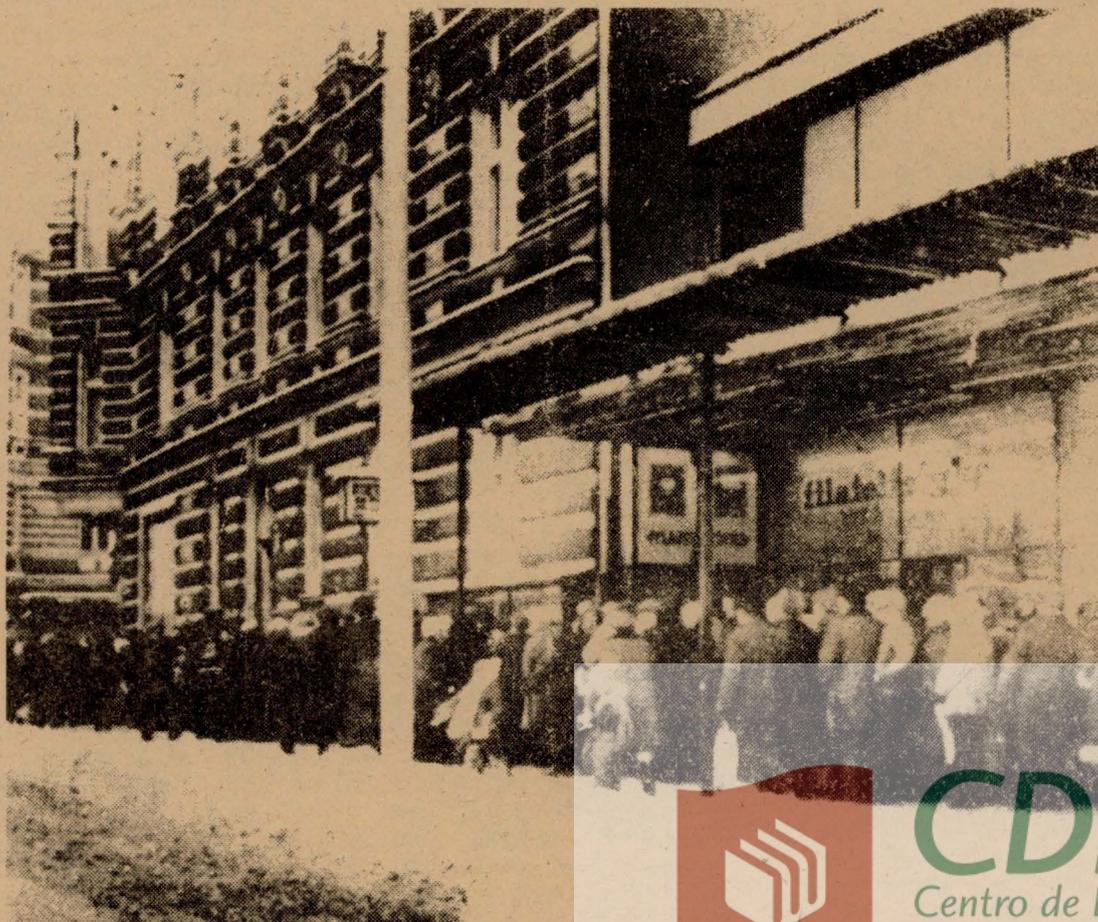
que se faz para pagar seus encargos.

Os líderes do país não estão assim tão alheios ao problema real da economia, mas nutrem muitas ilusões. Lech Walesa (que, por sinal, enriqueceu bastante segundo a revista “Veja”, páginas amarelas da edição 1122) declarou que a Polônia pode se tornar inviável se não houver uma maciça injeção de capital estrangeiro. E quando ele declara que o mercado deu certo no mundo pensa no exemplo de centros do imperialismo como a Alemanha ou a Inglaterra. E comete dois enganos: em primeiro lugar, a situação não é tão boa e tranqüila para o imperialismo nem mesmo em seus centros (e estão aí as explosões sociais na Inglaterra), embora para certos setores da população o nível de vida seja mais folgado nos centros em comparação à periferia do sistema, precisamente em função da espoliação neocolonial. Em segundo, não parece constar da estratégia imperialista fazer da Polónia e outros países do Leste europeu sócios do saque neocolonialista, propiciando padrões de vida pretensamente elevados.

Com as bênçãos do Vaticano, promete-se aos poloneses a bonança. E eles, iludidos, empenham sua fervorosa fé e uma paciência de Jó. Mas por quanto tempo viverão de ilusões? O desemprego no país não será passageiro, implantou-se definitivamente como exército de reserva do capital. Os salários, massacrados, continuarão indefinidamente baixos (acabou-se com as filas ampliando-se a escassez e a miséria).

Em que pese o interesse imperialista em financiar a mudança - e as inúmeras limitações neste sentido - tudo indica que o futuro da Polónia será o de uma mera nação dependente, e espoliada, mais uma entre tantas outras na América Latina, Ásia, África e agora no Leste europeu.

De qualquer forma, não precisamos ter pressa. Teremos um longo drama pela frente, e muitas comédias no que concerne à evolução da ideologia neoliberal. Não custa esperar que a história faça sua obra, conceder-lhe a primazia das conclusões; os fatos (diz-se que eles são teimosos) já estão tendo o privilégio do julgamento e estabelecerão de modo definitivo o critério da verdade histórica neste caso. Mas o que parecerá ridículo e medíocre dentro em breve é a assombrosa euforia burguesa (ver-se-á que quem ri por último ri melhor).



As filas acabaram, devido à inflação e ao arrocho salarial. A miséria aumentou



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

CONSCIÊNCIA SOCIALISTA

PARA QUE SERVEM AS ALIANÇAS

Rogério Lustosa*

Por que acertar alianças com setores que pensam diferente do proletariado, que não têm concepções revolucionárias, vacilam no curso da luta; chegam a praticar, aqui ou acolá, ações que desagradam os trabalhadores, às vezes buscam acordo com os adversários? Não seria muito melhor caminhar com segurança, em linha reta, sozinhos, mas com um comportamento retilíneo e uniforme?

Quem tem força

Ocorre que em política vence quem tem força. Lênin advertia que: "só se pode triunfar contra um adversário mais poderoso a custo de uma extrema tensão de forças e com a condição expressa de utilizar a mínima possibilidade de se assegurar um aliado numericamente forte, nem que seja um aliado temporário, vacilante, condicional, pouco sólido e pouco seguro".

Gente que ainda não assimilou esta lição aproveita raciocínios válidos para a eleição presidencial do ano passado, para defender agora a linha estreita, que levaria ao isolamento dos trabalhadores.

Em 89, havia uma maré progressista crescente. As correntes de centro se esvaziavam, a direita se dividia. A tática da frente de esquerda revelou-se inteiramente acertada para o primeiro turno. E serviu de base para o segundo, embora a realidade tenha exigido aí uma certa flexão para ampliar as alianças.

Novos esquemas

Agora, conjuntamente, há uma tendência para a direita. E a necessidade de novas alianças. Quem permanecer amarrado a velhos esquemas não será capaz de enfrentar a ofensiva collorida. De nada valem frases retumbantes ou o desatino raivoso sem levar em conta as circunstâncias objetivas. Lênin dizia que "não temos necessidade de entusiasmos histéricos. Precisamos é da marcha cadenciada dos batalhões de ferro do proletariado".

As atuais alianças visam combater o esquema de direita da autointitulada "elite modernizadora" no poder. Não se apóiam em preconceitos e desejos de caminhar só com os "puros". A política do gueto - para a qual os petistas, por exemplo, pretendem retornar - é nociva aos trabalhadores. Apenas a esquerda é insuficiente, de imediato, para defender a democracia e a soberania nacional. E esta realidade tem reflexos nas coligações eleitorais para 3 de outubro.

Pé no chão

A chave da tática revolucionária é a análise da correlação de forças. Não se pode confundir objetivos - em torno dos quais é possível chegar a acordo com partidos que representam camadas sociais muito distintas - com princípios que só pertencem aos comunistas, inegociáveis. Em situações favoráveis, a luta é por metas ousadas. Nos refluxos é preciso traçar planos mais modestos. Sem abrir mão dos princípios.

Quem transforma artificialmente tudo em princípios, tenta fazer política na base da reafirmação genérica deles, acaba arrastado pela avalanche inimiga. Na prática, não pode atuar como vanguarda, segue a reboque dos acontecimentos, impotente para lutar pela hegemonia da classe operária no movimento de massas. O apego idealista aos princípios conduz, objetivamente, ao seu abandono.

Enquanto os reformistas tentam parar o movimento operário pela conciliação e o reformismo, os esquerdistas cumprem o mesmo papel pelo radicalismo vazio e a colocação de objetivos fora da realidade.

* da direção nacional do PCdoB

Filiar e incorporar - tarefas permanentes

Carlos Augusto Diógenes*

O PCdoB, pela sua história de 68 anos de luta, pela sua política de busca incansável da unidade das forças progressistas e populares, pela prática dos seus militantes nas lutas sociais, vai se credenciando no cenário político nacional. Como consequência desta respeitabilidade, novos desafios e tarefas vão sendo colocados para o coletivo partidário. No entanto, existem pontos de estrangulamento que dificultam o cumprimento com êxito destas novas tarefas. Apesar dos avanços já conquistados, o nosso Partido é pequeno em número de filiados, de militantes, de organismos estruturados. A cifra alcançada de 100 mil filiados em 87, que possibilitou o registro no TSE, tornou-se pequena para fazer frente à complexidade dos problemas colocados pela dinâmica da luta política e social. Com o objetivo de resolver esta clara deficiência no tamanho de nossas fileiras o Diretório Nacional lançou recentemente a campanha dos 500 mil filiados.

O coletivo partidário precisa debater e responder algumas questões ligadas à política de crescimento de nossas fileiras. Onde filiar? Basta filiar? Como criar vínculos permanentes dos militantes com os filiados não incorporados? Onde e como estruturar novas bases? Como consolidá-las?

Mobilização geral

Antes de tudo, precisa ficar bem claro para todos os quadros e militantes que a questão da filiação e estruturação de novos organismos de base não é uma tarefa de pouco significado, que pode ser cumprida por algumas pessoas. Exige a mobilização de todo o coletivo, de forma planejada e controlada, pois trata-se de uma tarefa de cunho estratégico. Sem Partido estruturado nos centros vitais da luta de classe, será sempre superficial a nossa ligação com as massas e secundário o nosso papel no cenário nacional. Filiação de milhares de pessoas no país, estruturação de milhares de organismos nos principais centros, empresas, universidades, colégios, áreas rurais, bairros populares, abrindo-lhes perspectivas de luta, elevar o nível político e ideológico deste conjunto de militantes e filiados é um grande desafio revolucionário que temos hoje na nossa frente.

A campanha de filiação em 87, quando em apenas três meses filiamos 100 mil pessoas, demonstrou já existir naquela época um grande espaço a ser por nós ocupado. De lá para cá tem aumentado a descrença do povo com os políticos tradicio-

nais da classe dominante e o desempenho do nosso Partido na construção e desenvolvimento da campanha da Frente Brasil Popular recebeu elogios de setores progressistas da sociedade. Nesse sentido, a campanha de filiação dos 500 mil, se for desenvolvida pelo conjunto partidário de forma planejada, ofensiva, controlada em todos os Estados, com definições claras de áreas prioritárias, será plenamente vitoriosa e representará um grande salto.

Novos métodos

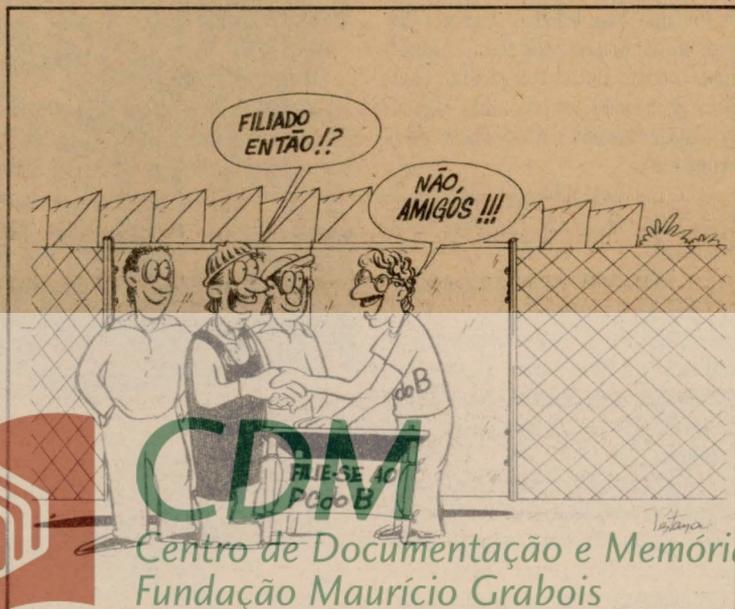
Além de ser pequeno o número de filiados, a sua maior parte está desorganizada. E existe nas nossas fileiras uma incompreensão sobre a importância de um trabalho permanente com essa massa de filiados não incorporada à estrutura partidária. Devemos entender que o Partido, no seu atual estágio de crescimento, não pode se limitar ao trabalho somente com os militantes que já freqüentam as suas reuniões. Precisa encontrar formas e meios de como manter vínculos com aqueles que já se filiaram mas ainda não compreendem a necessidade da militância organizada. Nas eleições sindicais, estudantis, comunitárias, o nosso plano de trabalho não pode se restringir à atividade dos quadros e militantes e sim atingir o grosso dos filiados existentes na área de atuação. Nas eleições deste ano, devemos levá-los devidamente em consideração. Uma carta do Diretório Regional, apresentando os nossos candidatos, a visita permanente às suas residências, o bate-papo nas fábricas, escolas, sempre solicitando a sua ajuda, a sua opinião, a sua participação na campanha eleitoral são formas corretas de tratar esta questão.

Se soubermos trabalhar com essa massa de filiados, muitas vezes

superior à de militantes, com certeza o resultado eleitoral nos será mais favorável. Com o tempo, o filiado irá perceber na prática o significado do Partido, que o valoriza, que o incentiva a participar das lutas de massa e da vida política, e entenderá a importância e a necessidade de atuar de forma organizada. Precisamos refletir por que é débil nas bases o contato dos militantes com os filiados não incorporados. A resposta está no funcionamento irregular da base e do secretariado, na incompreensão do seu papel, numa visão de trabalho pequena, miúda, elitista, de que o filiado é atrasado, tem defeitos e que é impossível organizá-lo. Deste modo, teremos sempre bases pequenas, com os eternos militantes de sempre e o acúmulo considerável de tarefas.

Precisamos combater estas idéias que muitas vezes não são colocadas claramente nas reuniões, mas que com certeza existem e servem de embasamento para o descaso que se verifica no trabalho com a massa de filiados. Estes constituem as pessoas mais próximas do Partido e que em muitos casos já têm experiência política e de massa. Se bem trabalhados, de forma paciente, planejada e contínua, fornecerão constantemente militantes para as antigas e novas bases. Estabeleceremos, assim, um fluxo permanente de sangue novo para o Partido. As duas tarefas, filiar em massa e incorporá-los na estrutura partidária, são complementares e não excludentes. Existe uma relação dialética entre elas. A incorporação de filiados nas bases aumenta a sua ação política e de massa, cria melhores condições para novas filiações, aumentando assim as possibilidades de futuras incorporações.

*Secretário de Organização do Comitê Regional do PCdoB no Ceará



Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

RESPEITAR A DIREÇÃO DAS ENTIDADES

Dynéas Aguiar*

Na edição passada destacamos que os comunistas devem ter atuação exemplar nas entidades de massas. Muitas vezes, porém, incorremos em erros, acarretando prejuízos para a entidade e para o fortalecimento dos vínculos do Partido com as massas.

Uma das práticas que têm prejudicado o funcionamento das entidades, desgastado a imagem do Partido perante as massas e causado derrotas eleitorais é o deslocamento de militantes do Partido, que são diretores de entidade, para outras tarefas fora da base ou para atividades partidárias internas.

Não se pode afirmar que certos deslocamentos não sejam necessários e até imprescindíveis. Portanto devem ser feitos. O que é errado é sua prática generalizada sem um estudo mais profundo e critérios rigorosos. Isto revela a falta de uma política sistemática de quadros, de sua formação e aproveitamento

a médio e longo prazos. É reflexo de uma prática espontaneísta e imediatista de direção. Não leva em conta a importância de termos dirigentes de massa respeitados e acatados por seus companheiros de trabalho, de estudo ou dos locais de moradia. Revela ainda uma visão estreita de partido voltado para si e não para a necessidade de manter estreitos vínculos com as massas.

Crescimento é a solução

É certo que, com o crescimento da intervenção do Partido na ação política mais geral e no movimento social, aumenta a necessidade de cobrirmos novas frentes de trabalho e de constituirmos núcleos mais sólidos de direções partidárias. Isso se resolve com uma correta política de organização e consolidação do Partido, que esteja assentada na permanente necessidade de crescimento numérico do Partido e na constante elevação do nível teórico e ideológico de seus quadros e militantes.

Um Partido que não cresce, não filia, não terá quadros

para cobrir suas necessidades. Essa é uma das principais causas do deslocamento constante de camaradas de uma para outra função, de uma para outra frente.

Quantas vezes o número insuficiente de militantes, agravado pela falta de formação de nossos quadros intermediários, um camarada é obrigado a ocupar funções de dirigente partidário e dirigente de entidade de massas? Isso sempre traz prejuízo, quer para o Partido como para a entidade. Raros são os casos em que ambos se fortalecem. Fica, portanto, a questão: por que comumente mantemos essa situação por longo tempo, apesar de sabermos que não é correta? Isto ocorre por não compreendermos corretamente o papel de vanguarda do Partido ou por não termos assimilado conscientemente a necessidade de respeitar a democracia das entidades e a vontade soberana das massas. Ou, o que é pior, existem casos em que se manifestam ambas incompreensões. As direções do Partido, em particular os secretários responsáveis

pelos frentes de massa, devem, juntamente com os militantes das respectivas áreas, estudar as experiências positivas e negativas que decorrem de nossa atuação nas entidades para ir corrigindo os erros que apareçam. Esse tipo de acompanhamento não pode ser feito ocasionalmente ou quando os erros acumulados prenunciam crises na respectiva frente.

Localismo atrapalha

Fruto do aumento de nossa influência política junto à população e, em particular, de nossa atuação nas entidades de base, militantes comunistas têm sido eleitos para as entidades gerais, quer sejam municipais, estaduais e nacionais. Hoje, é significativo o número dessas entidades em que temos diretores e, em muitas, somos a principal força política.

É justamente com os camaradas eleitos para essas entidades que os erros de método de direção apontados acima são cometidos mais assiduamente.

Nesses casos, além do já

exposto, existe um fator agravante, que é a visão estreita, localista e regionalista da direção.

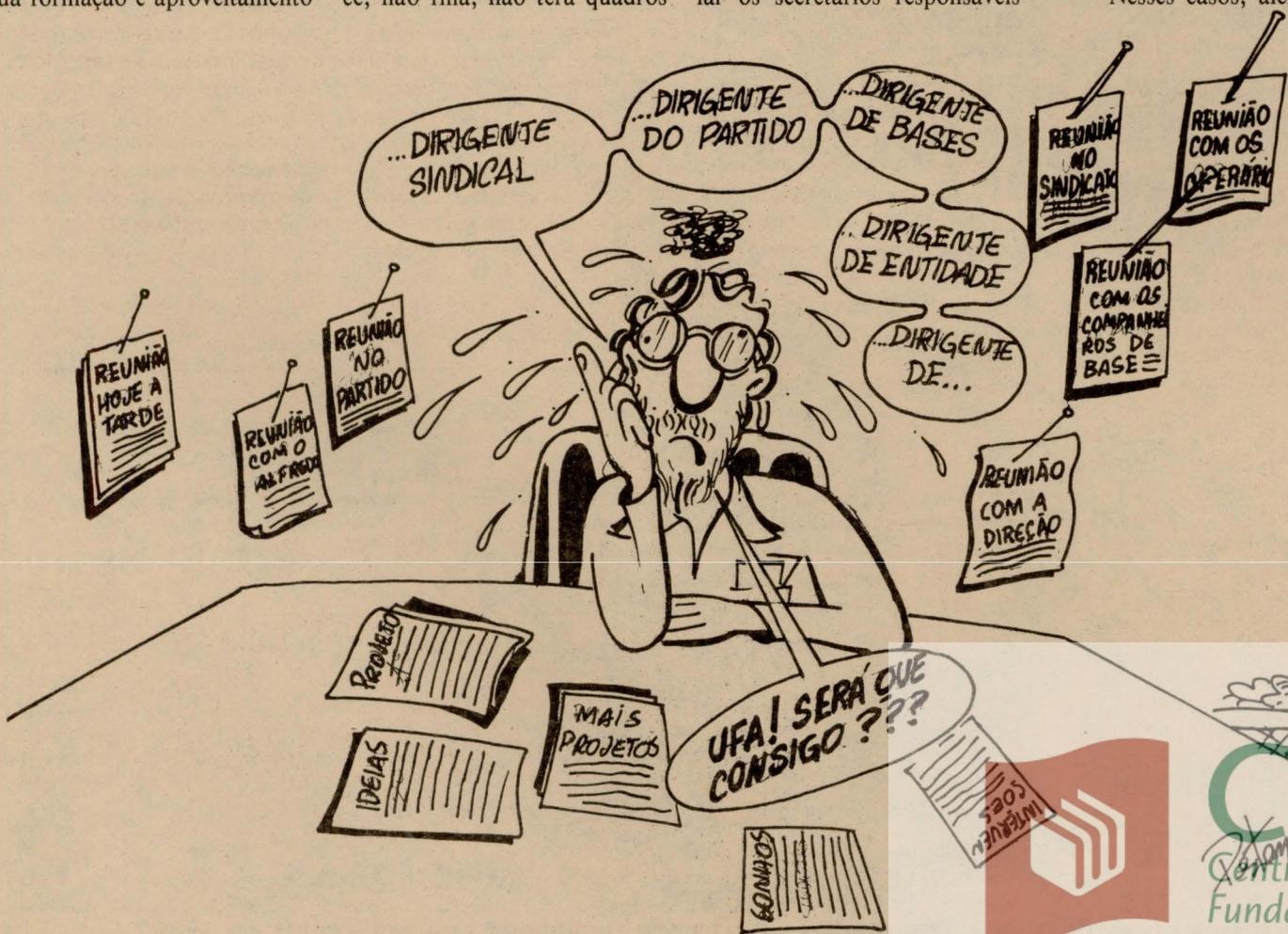
Ao invés de saber aproveitar todo o potencial de massas que o camarada eleito para a diretoria de uma entidade geral passa a possuir, e dessa forma utilizá-lo para ampliar a presença do Partido na categoria ou setor correspondente, alguns dirigentes vivem reclamando que os militantes de sua área foram eleitos para entidades que extrapolam os limites de sua jurisdição partidária.

Para superarmos essa prática errada, não basta formalmente aceitarmos a eleição dos militantes de nossa jurisdição para as entidades gerais. É preciso elevar o nível de nosso acompanhamento e contribuir com todos os meios políticos e materiais para que possam exercer da melhor forma o seu mandato. Assim agindo, ninguém perde, pois ganha a entidade, ganham as massas e, por consequência, o Partido.

Essa atitude revela muitas vezes uma concepção paroquial da organização do Partido e uma miopia quanto aos horizontes de nossa ação política.

Onde essas concepções prevalecem, cria-se uma contradição falsa entre os interesses locais e gerais do Partido. Com isso, a tendência dos dirigentes é criar toda sorte de empecilhos e dificuldades para que o camarada em questão possa exercer seu mandato na diretoria da entidade para a qual foi eleito.

Esse grave erro no respeito à democracia das massas tem criado situações vexatórias para nossos camaradas e para o Partido nas entidades, principalmente quando esses camaradas são afastados de seus cargos com a pecha de negligentes e irresponsáveis, com o que ficam desmoralizados perante seus companheiros, o que os leva muitas vezes não só a abandonar o movimento de massas como o próprio Partido.



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
* da direção nacional do PCdoB

POR DENTRO DO PCdoB

Uma frente anti-Collor para vencer as eleições em SP

Carlos Pompe

Num processo que envolveu, em seu conjunto, cerca de 2 mil pessoas, o PCdoB realizou, entre 6 e 8 de abril, uma Conferência Regional Extraordinária em São Paulo. A situação política do país, a estratégia eleitoral do Partido em São Paulo e a campanha de filiação foram os temas centrais do encontro. O PT, o PDT e o PSB saudaram a reunião dos comunistas e manifestaram o desejo de caminhar juntos na próxima batalha eleitoral.

A plenária da Conferência teve alto índice de participação dos comunistas nos debates. Os três dias foram poucos para dar conta de todas as inscrições de camaradas da capital e do interior que se manifestavam sobre a crise do Leste Europeu, a escolha de candidatos do PCdoB para as eleições parlamentares, a coligação para os cargos majoritários e as questões organizativas do Partido e a campanha de filiação, que objetiva alcançar 50 mil comunistas em São Paulo.

Aldo Rebelo, líder da banca de vereadores do Partido na

capital, foi escolhido, por unanimidade, o candidato do PCdoB para a Câmara Federal. O diretor do Sindicato dos Médicos, Jamil Murad, e o vereador pelo PCdoB em São José dos Campos, João Bosco, foram indicados candidatos a deputados estaduais pela legenda dos comunistas.

Buscando a unidade

O informe do presidente regional do PCdoB, Olival Freire, propondo a frente com os partidos de esquerda para disputar as eleições governamentais e para o Senado, foi aprovado com entusiasmo pelo conjunto da militância. E foi saudado pelos partidos aliados.

A resolução mostra a clareza da PCdoB em ver a necessidade de unir os setores progressistas para derrotar a reação em São Paulo.

Temos que colocar em segundo plano as divergências para garantir a nossa unidade. Nas eleições presidenciais o PCdoB mostrou que é o Partido que melhor compreende as necessidades da unidade, afirmou o secretário ge-

ral do PT paulista, José Américo.

O presidente do PSB em São Paulo, deputado federal João Hermann, não deixou por menos e "lamentou a desgraça que é a falta de um comunista do PCdoB na Assembléia Legislativa e um representante do Partido em São Paulo na Câmara Federal. A unidade com o PCdoB é fundamental para o meu Partido. Considero o PCdoB a minha segunda casa".

O vice-governador de São Paulo, Almino Affonso, do PDT, enviou mensagem aos comunistas expressando seu desejo de que a conferência reafirmasse "nossos compromissos comuns para com o povo brasileiro e nosso Estado".

A reunião ainda contou com a presença do vice-prefeito de Santos, Sérgio Sérvulo da Cunha, do PSB, e de outros representantes do PDT.

Congraçamento das esquerdas

O presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, que realizou durante a Conferência uma vibrante intervenção sobre a queda do revisionismo no Leste Euro-

peu, enfatizou no encerramento que o encontro se constituiu "num congraçamento das forças de esquerda, congraçamento que é uma reedição da grande caminhada que realizamos em 1989".

Amazonas salientou a grande participação de jovens e de mulheres no encontro, e destacou: "A história não é brisa calma, que tranqüiliza... A história se faz através de profundas lutas. E os comunistas não tremem quando a tempestade se abate. Temos confiança de que a bonança virá, e será a vitória do socialismo. É uma convicção científica. O capitalismo não é eterno como não foram eternos o escravagismo e o feudalismo."

Falando da situação política atual, o presidente do PCdoB registrou que as últimas eleições mostraram que a nação brasileira se orienta para a esquerda, apesar da vitória da direita. "O povo compreendeu que há uma frente popular contra a frente dos conservadores. Mas nós temos que tirar lições dos fatos. E temos que ver que, se não nos unirmos, a direita vence. A nossa força está

na unidade do povo."

Conclamando todos os partidos de esquerda a se unirem para o próximo pleito, João Amazonas ainda fez um chamamento para que "os comunistas ajudem a criar um ambiente de fraternidade, de camaradagem entre os partidos de esquerda. Hoje essa frente tem como alvo o ataque ao governo Collor e seu projeto chamado de "Brasil Novo", que me faz lembrar o "Estado Novo", assim como a ofensiva de Collor me evoca Hitler e Mussolini levantando-se do túmulo. Mas a direita está enganada se pensa que vai encurralar o nosso povo".

Para o presidente do PCdoB, "nós temos que primeiro pensar nos interesses, na defesa do nosso povo, e só depois pensar nos interesses partidários. As batalhas eleitorais se radicalizam em São Paulo desde 1988. Unidos, nós temos condições de alcançar novas vitórias. Eleger uma banca expressiva do PT, do PDT, do PSB, e elegermos também os nossos candidatos, os candidatos comunistas, para a Assembléia Legislativa e a Câmara Federal".



"Um congraçamento das forças de esquerda, que é uma reedição da grande caminhada que realizamos em 1989"



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Os candidatos comunistas em SP

A Conferência Extraordinária do PCdoB em São Paulo teve um de seus momentos de maior entusiasmo quando indicou os candidatos do Partido para as eleições parlamentares deste ano. O vereador Aldo Rebelo, líder da

bancada na Câmara Paulistana, será o candidato a deputado federal. O médico Jamil Murad e o vereador do

PCdoB em São José dos Campos, João Bosco, disputarão as vagas na Assembléia Legislativa.

Amazonas visita a Bahia

O presidente nacional do Partido Comunista do Brasil, João Amazonas, na visita que realizou à Bahia durante a semana passada, além do debate que fez no Cine Nazaré sobre o socialismo e o revisionismo, reuniu-se com o Comitê Distrital do Partido da Liberdade, o mais proletário, popular e negro bairro da capital, Salvador. Mais de 200 pessoas participaram do debate com o dirigente comunista, que falou sobre a situação política nacional, a nova fase da luta popular e as tarefas da construção do Partido, em campanha nacional para alcançar os 500 mil filiados.

Além das atividades políticas, Amazonas participou também na Bahia de um evento social - o casamento do ex-prefeito de Camaçari, Luiz Caetano com a líder feminista Luiza Maia, na presença de duas mil pessoas.

Na ocasião do 68º aniversário da fundação do Partido Comunista do Brasil, foram feitas homenagens à data - 25 de março - nas Câmaras Municipais de São José dos Campos (SP), Aracaju (SE) e Pato Branco (PR).

Uma liderança provada na atuação sindical

O diretor do Sindicato dos Médicos de São Paulo e membro do Comitê Regional, Jamil Murad, foi indicado candidato a deputado estadual pelo PCdoB. Jamil é uma das mais expressivas lideranças da Corrente Sindical Classista do Estado, e conta com o respeito e admiração não só dos comunistas, mas do conjunto dos sindicalistas progressistas, por sua abnegação e constante atuação em favor das causas populares e do socialismo.



O voto que valeu



A trajetória de Aldo Rebelo como dirigente da União Nacional dos Estudantes, como líder da União da Juventude Socialista, seu papel destacado na Câmara Municipal de São Paulo, e sua perseverante atuação no Partido Comunista do Brasil despertaram o entusiasmo da militância do Partido com a sua candidatura à Câmara Federal.

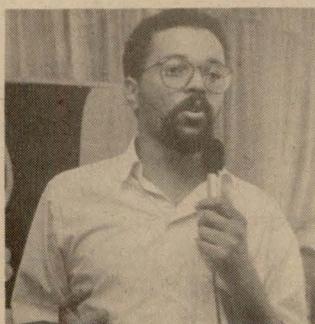
Aldo Rebelo é membro da Comissão Executiva do Comitê Central e do Comitê Regional de São Paulo do PCdoB. No seu primeiro ano como vereador na capital, foi o presidente da comissão que investigou as falcatruas do ex-prefeito Jânio Quadros à frente do Executivo

Municipal. Os trabalhos da comissão levaram a que Jânio amargue, atualmente, dois processos na Polícia Federal.

Embora tenha colaborado na campanha para a eleição de Luiza Erundina, Aldo também não esconde suas discordâncias com a administração municipal, notadamente no tratamento salarial dos servidores públicos e no caso da reforma do Autódromo de Interlagos - considerado escandaloso pelo vereador, devido ao acordo irregular feito com a Shell.

Os comunistas de São Paulo analisam que há grandes chances de eleger Aldo Rebelo deputado federal com uma expressiva votação em outubro.

Firme na luta, firme no parlamento



Ex-presidente da Confederação Nacional das Associações de Moradores (Conam) e membro do Comitê Regional do PCdoB, João Bosco é um dos vereadores mais atuantes de São José dos Campos. Presidente do PCdoB nessa cidade, Bosco é economista e tem antiga atuação junto ao movimento popular, o que o credencia como expressiva liderança em favor da causa dos oprimidos. Essas qualidades levaram a Conferência Extraordinária a indicá-lo como candidato a deputado estadual.

Filiar 50 mil é viável e necessário

Margaret F. Claro*

O Secretário de Organização do PCdoB em São Paulo, Walter Sorrentino, concedeu entrevista à **Classe** sobre as perspectivas do Partido abordadas em recente Conferência na Câmara Municipal.

Classe - Quais as orientações adotadas na Conferência para o crescimento do PCdoB em São Paulo?

Walter - A primeira medida será colocar a campanha de filiação nas ruas, em ligação com o esforço de desmascarar o sentido antinacional e antipopular do Pacote Collor. Esta fase também objetiva iniciar a campanha dos candidatos.

A segunda medida será direcionar as filiações para os principais setores sociais de nosso interesse, como: as grandes fábricas, os bairros populares, as universidades e as escolas.

Classe - Quantos comunistas foram envolvidos nos trabalhos da Conferência, das Assembléias de base ao pleno de encerramento?

Walter - O processo envolveu cerca de dois mil comunistas, e a Conferência Regional foi riquíssima em participação, com a intervenção de 120 camaradas. Realizaram-se mais de 130 Assembléias de base em 50 conferências na capital e inte-

rior. Além disso, muitos companheiros de novas cidades participaram como convidados.

Classe - Como é possível combater as campanhas propagandistas sobre o Leste Europeu, evitando que os meios de comunicação decretem a morte do socialismo?

Walter - Para combatê-las é necessária muita fibra e determinação. Aliás, o que declinou foi o revisionismo, e não o socialismo. O Partido tem consciência de que as massas sentem na carne a miséria e a degeneração, provocados pelo capitalismo, por isso é mais

fácil desmascarar as mentiras divulgadas pelos veículos de comunicação. O PCdoB, que é muito ligado às massas, tem certeza de que é possível derrotar essa onda anticomunista.

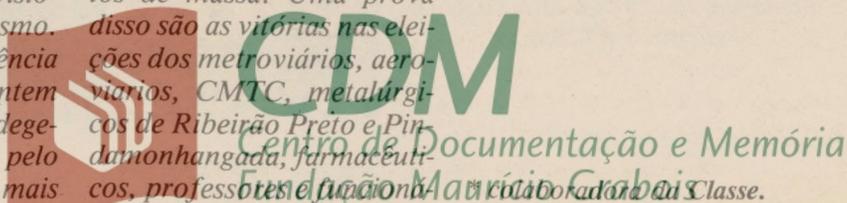
Classe - A proposta de filiar 50 mil pessoas ao PCdoB, em São Paulo é viável?

Walter - É plenamente viável. O Partido tem uma trajetória vitoriosa e está enraizado nos movimentos de massa. Uma prova disso são as vitórias nas eleições dos metroviários, aeroviários, CMTC, metalúrgicos de Ribeirão Preto e Pindamonhangada, farmacêuticos, professores da União

municipais, bancários de Taubaté e outros.

O Partido alcançou prestígio na campanha eleitoral do ano passado e demonstrou coerência na união do povo.

Mas a expectativa maior é a proposta de filiação de 500 mil pessoas em todo o Brasil, fato este que fortalecerá ainda mais o Partido na resposta necessária à grande ofensiva anticomunista no plano mundial.



REGISTRO

Maiakovski, "proletário voador"

Calucho Carvalho *

//

Sou poeta. É justamente por isso que sou interessante".

Há sessenta anos, no dia 14 de abril, a União Soviética e o mundo perdiam de maneira trágica um dos maiores poetas do nosso tempo. Vladimir Maiakovski, que tinha então 36 anos, punha em prática através de um tiro no coração, o que pensou quinze anos antes, quando escreveu uma das suas poesias mais marcantes, "A Flauta Vértebra", onde dizia:

"Penso, mais de uma vez: seria melhor talvez pôr-me o ponto final de um balaço. Em todo caso

eu hoje vou dar o meu concerto de adeus".

"Maior poeta da era soviética" como defendia Stálin, Maiakovski destacou-se também no teatro e no cinema como ator, roteirista e diretor, na arte de propaganda através de cartazes e murais, além de ter esboçado alguns romances e de ter exercido o ofício de jornalista em diversos jornais soviéticos. Ele soube, no exercício cotidiano da sua tarefa, pôr em prática a máxima de que "sem forma revolucionária não há arte revolucionária" e, por isso mesmo, expressar de maneira viva e completa o que existia de mais puro e belo na revolução bolchevique e na construção do socialismo.

Filho de família humilde, seu pai era guarda florestal em Bagdádi, Maiakovski ingressou desde muito jovem na luta revolucionária e com quatorze anos entrou para o Partido. É ele próprio quem conta na sua autobiografia, "Eu mesmo": "1908. Ingressei no POSDR (ala bolchevique). Fiz exame num subdistrito comercial e industrial. Passei. Como propagandista". Logo depois Maiakovski caiu nas mãos da polícia com a tipografia clandestina do Partido. A partir daí, num período altamente conturbado, Maiakovski vai desenvolver a sua militância revolucionária que, como não podia deixar de ser, vai se confundir com a sua militância de artista. Como resultado, tivemos uma arte militante, participativa, revolucionária que, em nenhum momento perdeu o seu espírito criativo, investigativo e inovador.

Com a mesma força e criatividade que se referia a Lênin e à revolução de outubro, ele também se re-

feria ao amor e à sua amada, Lília Brik. A paixão própria dos poetas era uma marca do seu comportamento, das suas atitudes, como afirma num de seus versos:

"Em mim a anatomia ficou louca. Sou todo coração".

Infelizmente, pouco se conhece da obra de Maiakovski no Brasil. Suas obras reunidas foram publicadas na União Soviética entre os anos de 1955 e 1961, em treze volumes. Figura polêmica, até Lênin se ocupou em comentar um de seus trabalhos: "Li, ontem, por acaso, no *Izvestia*, um poema de Maiakovski sobre um tema político. Não

me incluo entre os admiradores do seu talento poético, se bem que reconheço plenamente minha incompetência neste terreno. Mas há muito tempo que não sinto um prazer semelhante do ponto de vista político e administrativo. Em seu poema, Maiakovski põe completamente em ridículo as reuniões e escarnece dos comunistas que não cessam de fazer reuniões sobre reuniões. Pelo que toca à poesia não sei, mas pelo que toca à política garanto que é perfeitamente justo. Na realidade, vivemos na situação dessa gente (devo dizer que a situação é muito ridícula) que sempre está reunida em comissões ou elaborando planos sem fim..

.. Esse comentário de Lênin se refere à poesia "O Reunismo", que publicamos nesta edição (pág. 24).

Maiakovski encontrou, na própria União Soviética, dificuldades para divulgar o seu trabalho artístico, em função de divergências no plano da política cultural com algumas figuras que dirigiam os meios artísticos soviéticos na década de 20, a exemplo do que ocorreu com os dirigentes da Sovinkó, empresa produtora de filmes, que recusaram seus melhores roteiros para cinema, como foi o caso de "Esqueça-se da lareira" e "Como vai?". Outro fato ilustrativo dessa questão foi a exposição "Vinte anos de atividade de Maiakovski", promovida no dia 25 de março de 1930, vinte dias antes da sua morte, promovida pela Komsomólskaia Pravda (Pravda das Juventudes Comunistas) onde os representantes das agremiações literárias e da imprensa não se fizeram presentes para cobrir e apoiar aquele evento histórico. Na verdade, essa atitude em relação à sua obra só veio mudar no ano de 1935 através da intervenção de Stálin, após ter recebido uma carta de Lília Brik reclamando da atitude discriminatória que muitas vezes era dada à obra de Maiakovski. Foi a partir dessa intervenção que a obra de Maiakovski passou a ser mais amplamente divulgada na União Soviética e no mundo, e até estátuas foram erguidas em sua homenagem. Tal atitude revela que alguns homens que estavam à frente dos órgãos responsáveis pelo desenvolvimento cultural e artístico da URSS naquele período não praticavam uma política condizente com as necessidades e aspirações do socialismo. Eram os burocratas que Maiakovski tanto condenou. O poeta, apesar de sua condenação, não



Lília Brik

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

"Afora o teu amor, para mim não há sol"

Quando alguém lhe perguntava qual a data mais importante do ponto de vista pessoal, ele dizia: julho de 1915. É que foi nesse mês que ele conheceu Ossip Brik, teórico e crítico literário e que se tornaria um grande amigo seu, e Lília Brik, mulher de Ossip e que mais tarde viria a ser sua mulher. É a própria Lília quem conta, numa entrevista dada ao professor Bóris Schnaidermann e publicada pelo "Jornal da Tarde", de São Paulo, na edição de 25 de agosto de 1979. "Eu casei com Ossip por amor, depois de conhecê-lo aos treze anos e ficar fascinada pela sua personalidade de sábio irreverente. Depois, ambos conhecemos Maiakovski, que nos causou uma impressão profunda. E, como ele estivesse procurando alugar um quarto, acabou vindo morar conosco. Depois que eu gostei dele como mulher e ele também teve por mim um sentimento de homem, resolvemos contar tudo ao Ossip. Passei então a ser mulher de Maiakovski mas isso não era motivo para deixarmos de morar na mesma casa. Tanto Ossip como Maiakovski eram criaturas superiores, que viam com a maior naturalidade estes problemas de amor e sexo". Maiakovski e Lília deixaram de ser amantes em 1925 sem que o amor entre ambos deixasse de existir. Na carta que ele deixou na manhã de 14 de abril, ele pede a Lília que o ame. Lília encontrava-se em Londres desde o dia 18 de fevereiro, na companhia de Ossip. Mais tarde, Lília viria a casar-se com o biógrafo de Maiakovski, V. A. Kantanian, com quem viveria até a morte e com quem dividiu, durante esses anos, a direção do Museu Maiakovski, procurando dar a divulgação necessária às suas obras.

"É preciso arrancar alegria ao futuro"

Mesmo tendo se suicidado e feito algumas menções ao suicídio em sua obra, não se pode acusá-lo de defensor do suicídio. Em 1926, escreveu um poema em memória de Serguei lessiênin, poeta russo que havia se suicidado dias antes, on-

de respondia os versos deixados pelo poeta. Em seu poema de despedida, lessiênin dizia:

"Adeus, amigo, sem mãos nem palavras.
Não faças um sobrolho pensativo.
Se morrer, nesta vida, não é novo,
Tampouco há novidade em estar vivo", ao

que Maiakovski respondeu:

"Nesta vida
morrer não é difícil.
O difícil
é a vida e seu ofício".

Quando o poeta pôs fim à sua vida, além de estar atravessando uma fase de depressão profunda, enfrentava também constantes infecções de garganta que o impediam de declamar em público, o que para ele representava uma grande limitação. Na carta de despedida escrita dois dias antes do fato se consumir, ele dizia: "A todos!.. Eu morro, não culpeis disso a ninguém. E nada de falatórios. O defunto tinha horror a isso. Mãe, minhas irmãs, meus camaradas, perdoem-me, isto não é um meio (não aconselho a ninguém) mas para mim não há outra saída.

"Lili, ama-me.

"Camarada Governo, minha família é Lili Brik, mãe, minhas irmãs e Verônica Vitoldovna Polénskaia: Se tu lhes tornas a vida possível, obrigado.

"Os poemas começados, dai-os aos Brik. Neles se reencontrarão.

"Como se diz

"O incidente está encerrado

O barco do amor

quebrou-se contra a vida quotidiana

Estou quite com a vida.

Inútil passar em revista

as dores

as desgraças

e os erros recíprocos.

Sede felizes!"

O enterro de Maiakovski transformou-se nu-

Uma noite com Maiakovski

A baialaica
abalou
o baile
de gala

Ananás e perdiz
foram servidos
no banquete
dos mendigos

A nuvem de calças
sumiu
e no meu sonho
inundou os bares da vida

E eu
a um só gole
bebi
toda a beleza da luta
da poesia
da luta
da poesia
da vida

Calucho

ma grande manifestação popular que durou três dias. Lília e Ossip Brik vieram às pressas de Londres para participar do funeral. O povo, na rua, consagrou o poeta da revolução proletária.

A obra de Maiakovski é, no seu conjunto, positiva, revolucionária, avançada. A sua preocupação sempre foi com o futuro, com a construção do socialismo e a criação do homem novo. Tinha orgulho de ser comunista e como tal punha sua obra a serviço do comunismo e do Partido, sem no entanto cair em mesmices ou mesmo apologias baratas. Isso pode ser visto nos seus poemas à Internacional Comunista, ao Partido ou em defesa da União Soviética, como os poemas "Passaporte Soviético", "O Proletário Voador" e a coletânea de versos de agitação "Vai Dar Tu Mesmo uma Volta Pelos Céus a Esmo". Querem enquadrar, como alguns tentaram fazer, sua obra nessa ou naquela escola ou nesse ou naquele movimento artístico é no mínimo uma violência. Maiakovski, como todo grande artista, mostrou-se universal. Dono de um estilo próprio, podemos encontrar em sua obra poemas épicos, críticos, satíricos, líricos e tudo mais, todos com a sua marca registrada inconfundível, marca que poderíamos chamar de *maiakovskiana*, e que, até hoje, influencia poetas e artistas do mundo inteiro.

Homenageá-lo no dia do aniversário da sua morte não deve ser entendido, portanto, como um simples reconhecimento do artista que foi e sim, como um resgate daquele que como artista-revolucionário e revolucionário-artista soube, principalmente na forma de poesia, cantar o que chamava de "a obra de arte" que mais lhe entusiasmava que era o "Prefácio à Crítica da Economia Política" de Marx e o "livrinho azul" de Lênin, maneira como ele se referia ao livro "Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática". E assim, ele disse: "Camarada Vida, vamos para diante..."

* Colaborador da Classe em Brasília
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Vladimir Maiakovski, o maior poeta da era soviética

Collor destrói cultura nacional

A Cultura Brasileira, recebeu do Plano Collor uma porreçada, com a extinção de sete fundações e a privatização de uma estatal, a Embrafilme. O choque foi tamanho que artistas e intelectuais se viram na urgência de repensar as relações do estado com a cultura. É o governo Collor atinge os segmentos intelectuais num momento em que eles começavam a estruturar-se em cima de uma série de incentivos, como a Lei Sarney.

Diversas reuniões foram feitas em São Paulo, lideradas pelas atrizes Ruth Escobar e Esther Góes, para pressionar o governo a rever sua posição, pois diversas atividades estavam em curso não podendo sofrer paralisações danosas para os produtores culturais. E ainda para não se submeterem à bota fascista de Collor, que não discutiu com as entidades representativas de artistas e intelectuais suas medias draconianas.

Espectáculos foram suspensos com prejuízos

Alguns espetáculos, como a peça produzida pela atriz Carla Camurati, foram suspensos. Sua produção era financiada com base nos incentivos da Lei Sarney. E o filme de Carlos Diegues, "Dias melhores Virão", ficou preso na prateleira da Embrafilme, junto com pelo menos outros 16, à espera do sinal verde para a distribuição. Não bastasse isto, o atual Secretário da Cultura, o cineasta Ipojuca Pontes, travou uma polêmica com o comico Renato Aragão, dizendo que os filmes de "Os Trapalhões" não dão lucro.

É uma polêmica inútil, em cada dez filmes, os sete de maior bilheteria são destes populares artistas de televisão e cinema. Mas fora estes exemplos, que mostram alguns dos

estragos feitos pelo Plano Collor ao privatizar a cultura outros merecem ser destacados. A introdução das relações capitalistas na cultura nacional sempre foi conflitante. Está vinculada a algumas iniciativas isoladas, que não permitiram implantar uma indústria cultural no País.

Nos anos 60, os cineastas do cinema novo tiveram o incentivo do Banco Nacional, mas tudo conseguido na base da amizade. Isto incentivava a criação de grupos para se defenderem enquanto produtores culturais. Inexistia um mercado forte, que consumisse sua produção e sustentasse os altos investimentos. O retorno em cinema e teatro é penoso. Às vezes pode levar entre seis meses e um ano para o investidor ver seu dinheiro de volta.

Alguns empresários despertaram para incentivar algumas produções teatrais e cinematográficas, mas sem ter estruturado empresas. Muitos se basearam na Lei Sarney, que acabou se tornando a grande incentivadora, pois permitia ao "investidor" abater do imposto de renda a quantia aplicada na produção de uma peça, filme, livro etc. Mesmo as empresas Cinedrist e Luiz Carlos Barreto, que produziram filmes como "O Pagador de Promessas" (Palma de Ouro no Festival de Cannes) e "Dona Flor e Seus Dois Maridos", para ficar em dois exemplos, não têm trabalho contínuo.

Dificuldades para criar mercado

Pelo que se vê, no Brasil a estrutura capitalista ainda não conseguiu criar uma indústria cultural. Prevalece ainda o mecenato, esquema feudal de financiamento da cultura. Foi este vácuo e porque é esta

a sua função, que foi mostrado no Brasil, a necessidade de o estado investir no setor para preservar a memória, financiar obras, incentivar a pesquisa e cuidar da distribuição. O único setor onde o espaço estava sendo preenchido era o de artes plásticas, assim mesmo porque existe uma vasta rede de galerias.

Mas, mesmo neste setor, os museus são raros, os existentes são também iniciativas de mecenas. Por exemplo, o Masp (Museu de Arte de São Paulo), fundado por Assis Chateaubriand. A função do Estado aqui era preservar a memória nacional, incentivando a restauração de obras, a criação de museus, a realização de pesquisas e a publicação de obras que tratam do assunto. A extinção da Funarte foi danosa sob diversos aspectos, pois seu trabalho era exatamente o referido.

Caso semelhante ocorre com a Embrafilme. Ela foi criada para tratar de todos os aspectos que envolvem a atividade cinematográfica, principalmente financiar e distribuir filmes. Sua tarefa era das mais difíceis, pois as multinacionais abriram seu caminho monopolista ao longo de 90 anos, pondo abaixo todos os concorrentes e cuidando para o cinema americano deter o controle total das salas de exibição do País.

Multinacionais dominam mercado de cinema

Nos anos 40, 50 e até meados dos anos 60, existiam no Brasil diversas distribuidoras internacionais. A Arte Filmes, responsável pelos filmes italianos, a Gaumont (esta veio nos anos 70), distribuía obras francesas e produziu alguns filmes nacionais, a Pelmax, que fez o mundo conhecer os filmes de

Cantinflas e Luis Buñuel, a Rank Organization, que trazia os filmes ingleses - todas acabaram sucumbindo à pressão da Motion Picture, que defende os conglomerados multinacionais do cinema. E a ponto de se ver quase, com raras exceções, só filmes americanos na televisão e no cinema. É o predomínio total do imperialismo cultural americano.

Fica claro que Collor está totalmente a favor do imperialismo americano, principalmente, ao tentar pôr abaixo a Embrafilme, abrindo caminho ainda mais não só para os filmes americanos, mas para a indústria cultural ianque de uma forma geral. Não é à toa que se montam inúmeras peças teatrais norte-americanas no Brasil - a TV, os jornais e as revistas cuidam de difundir o que está sendo montado na Broadway.

A influência é tanta que temos a Rede Globo constantemente veiculando matérias no "Fantástico" sobre o último lançamento musical, teatral e cinematográfico dos EUA. O domínio é tamanho que as multinacionais do cinema têm aqui mister Harry Stone cuidando de seus interesses. Não raramente o Jornal do Brasil publica matérias e notas na coluna Zózimo Barroso do Amaral informando das pré-estréias promovidas por Stone, tentando impor aqui o último sucesso cinematográfico americano.

Embrafilme teve um duro trabalho

É neste contexto que se vê a dificuldade da Embrafilme de ocupar salas de exibição e distribuir os filmes nacionais. A maioria enalçada por falta de salas de exibição ocupadas pelos filmes norte-americanos.

Este aspecto não é discutido pelos meios de comunicação mas, mesmo assim, a empresa é lucrativa. Tem sido mal administrada e no interesse de grupos, conforme os próprios cineastas denunciam, e serviu de argumento para o irritado Ipojuca Pontes (era entrevistado do programa de entrevistas da TV Cultura-RJ, "Sem Censura") querer pôr abaixo a Embrafilme. É preciso ver a que interesses ele serve para ser tão veemente na defesa da extinção da empresa.

Os grupos são resultado da inexistência de mercado cultural no País. Houvesse este mercado, com o Estado financiando, incentivando e atendendo aos interesses da população, eles perderiam o espaço. Mesmo porque em diversos campos surgiram obras de interesse, como na literatura, na promoção de pesquisas, de festivais de dança e na criação de companhias de balé, com o incentivo do Estado, via Lei Sarney (embora esta esteja cheia de vícios e permita às empresas manipulá-la à vontade) seria o caso de modificá-la.

A extinção das fundações e da Embrafilme abre mais espaço para a entrada maciça da cultura imperialista no País. Extingui-las equivalerá a acabar a preservação da memória nacional. O incentivo à leitura (o analfabetismo cresce no Brasil), as artes cênicas cujas experiências jamais são bancadas por capitalistas interessados em lucro imediato. Se elas não cuidavam da cultura popular (isto não passa pela cabeça de Ipojuca e Collor), é porque a natureza do estado capitalista não privilegia a arte do povo.

PROMOÇÃO DA EDITORA ANITA GARIBALDI

preço

<i>Em Defesa do Socialismo Científico</i>	
* Josef Stálin - 172 páginas	Cr\$ 320,00
<i>Manifesto do Partido Comunista</i>	
* Marx e Engels - 72 páginas	Cr\$ 185,00
<i>Estratégia e Tática</i>	
* Lênin, Stálin, Dimitrov e J. Amazonas - 72 páginas	Cr\$ 320,00
<i>A Política Revolucionária do PCdoB</i>	
* Informes ao 7º Congresso - 144 páginas	Cr\$ 320,00
<i>Socialismo, Ideal da Classe Operária</i>	
* João Amazonas - 120 páginas	Cr\$ 210,00
<i>Marx e os Sindicatos</i>	
* D. Losovski - 212 páginas	Cr\$ 350,00
<i>A Educação Revolucionária do Comunista</i>	
* Diógenes Arruda - 84 páginas	Cr\$ 160,00
<i>Problemas Econômicos do Socialismo na URSS</i>	
* Josef Stálin - 92 páginas	Cr\$ 200,00
<i>A Luta Contra o Revisionismo Soviético</i>	
* Enver Hoxba - 64 páginas	Cr\$ 160,00
<i>Relatório ao 8º Congresso do PTA</i>	
* Enver Hoxba - 186 páginas	Cr\$ 45,00
<i>Reportagem sob a Força</i>	
* Julius Fushik - 120 páginas	Cr\$ 220,00
<i>Albânia, Horizonte Vermelho nos Balcãs</i>	
* Luis Manfredini - 142 páginas	Cr\$ 450,00



<i>As Portas de Moscou</i>	
* Alexandr Bek - 300 páginas	Cr\$ 600,00
<i>As Transformações Sociais na Época da Revolução e do Imperialismo</i>	
* João Amazonas - 20 páginas	Cr\$ 60,00
PCdoB X PCB - Dois Caminhos Opostos	
* Rogério Lustosa - 16 páginas	Cr\$ 5,00
<i>Princípios nº 17 - especial sobre a Perestroika</i>	
* coletânea de textos - 68 páginas	Cr\$ 50,00
<i>Princípios nºs antigos (4, 9, 11, 13, 14, 15, 16)</i>	
* coletânea de textos - 60 páginas	Cr\$ 25,00
<i>Folhetos do 7º Congresso do PCdoB</i>	
* O Brasil numa Encruzilhada Histórica	
João Amazonas - 48 Páginas	Cr\$ 25,00
* Perestroika	
João Amazonas - 16 páginas	Cr\$ 15,00

Condições:

- Pedidos entre 2.000,00 e 3.500,00 - desconto de 10%;
- De 3.500,00 a 5.000,00 - desconto de 15%;
- Acima de 5.000,00 - 20%

Em caso de tiragens, entrar em contato com a Editora Anita Garibaldi pelo telefone: (011) 278-3200.
Pedidos com cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda.
Rua dos Bororós, 51 - 1º andar. Cep: 01320 - São Paulo



Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Clareza que faz falta ao Brasil é Luz e Poesia



No dia 2 de abril de 1990 marca o 7º aniversário da morte de Clara Nunes.

Nascida em Paraopeba, MG, em 12 de agosto de 1943, Clara Nunes chegou em Belo Horizonte no final da década de 50, onde trabalhou como operária têxtil e cantou na noite.

Mas *Claridade* só veio a ter o reconhecimento do seu talento ao ir para o Rio de Janeiro, em meados da década de 60. Nessa cidade ela torna-se companheira de Paulo César Pinheiro e adota o samba como seu principal gênero musical, que casa perfeitamente com sua voz.

Dona de uma voz perfeitamente afinada, e contando com um repertório bastante variado, que ia do samba ao forró, passando pelo bolero. Clara atingiu o estrelato cantando músicas como "Você Passa Eu Acho Graça" (Carlos Imperial e Ataulfo Alves), "Tristeza Pé no Chão" (Fernandes Mamão), "Conto de Areia" (Toninho - Romildo Bastos), "Canto das Três Raças" (Paulo C. Pinheiro - Mauro Duarte), "Lama" (Mauro Duarte), "Morena de Angola" (Chico Buarque de Hollanda), entre outros.

Clara Nunes cumpriu um determinado ciclo de vida material, realizando uma missão digna e humana. A missão de manter viva e difundir a cultura musical de um povo, que vive sufocada e esmagada pela pretensa universalidade da música estadunidense.

Clara atingiu o sucesso mesmo sem ter se preocupado com o sucesso a qualquer preço. Muitas vezes ia buscar no domínio público motivo para suas gravações. Pelo brilhantismo com que cumpriu sua missão, tenho certeza de que *Claridade* tem um lugar reservado no coração de todos os brasileiros que não têm pejo de gostar da sua própria cultura musical.

Que me perdoem os "elitistas", mas *Claridade* foi a mais bela voz que este país já teve.

Clara faleceu no Rio de Janeiro em 02/04/83, vítima de um mal explicado choque anafilático ao tentar uma

operação de varizes. Mas continua viva na mente de seus admiradores, através dos belos versos de Aloizio Machado e Ovídio Bessa:

"Vai fazer falta na avenida
Quem viveu cantando a vida
Não morreu desencantou..."

.....
A morte pra mim não é despedida
Porque a morte é a vida
Que se faz continuar".

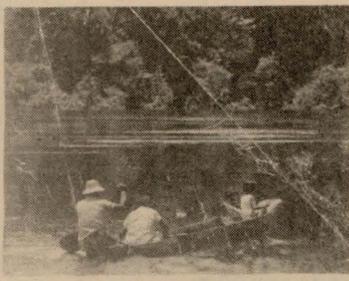
(Pedro Carvalho Lopes, São Paulo - SP)

Encontro juvenil defende preservação da natureza

A UJS (União da Juventude Socialista) inicia a partir do mês de abril a campanha nacional "Jovens Curupiras em defesa dos povos e da floresta Amazônica". Os jovens Curupiras catarinenses começaram a campanha em Santa Catarina nos dias 31/03 e 01/04 realizando um acampamento ecológico no Morro do Baú, em Ilhota/SC.

Presenciamos a exuberante paisagem, onde os ipês com suas flores-ouro assistiam à queda das águas em forma de cachoeira, nas montanhas verdejantes; o ar com sua fragância forte dava-nos a vontade de colocá-lo em sacos para trazer às cidades; as águas geladas, o voo presente das borboletas azuis enchia nossos olhos de perplexidade ao lembrar que esta área é reserva para impedir a destruição por parte dos capitalistas. A floresta em que pisávamos é resto dos 4% que sobram ainda de Mata Atlântica neste País.

É o contato pessoal com a natureza que fornecerá o alimento de nossa luta pela sua manutenção em cada região e para unificar a batalha pela preservação da Amazônia. Sairemos aos campos e às cidades, os painéis nos muros serão nossos *out-doors* permanentes, os shows culturais serão alavancas para atingirmos as longínquas consciências entorpecidas, os protestos irreverentes darão a marca juvenil a este combate sem tréguas, todo esforço valerá a pena, pois será assim que garantiremos a preservação da vida em nosso Planeta. (Coordenação Estadual da UJS, Florianópolis - SC)



Um teatro de jovens quer igualdade homem-mulher

Queria dividir com os leitores da Classe Operária, a alegria de poder dirigir um grupo de teatro amador chamado Teatro Mania, formado por alunos do Instituto 13 de Junho (Bairro João XXIII, periferia de Fortaleza), pela passagem do 2º aniversário do grupo, ocorrido no dia 08 de março.

Na ocasião o grupo encenou a peça "Menino brinca com Menina?" de Charles X. Como além do aniversário, na data, comemorou-se o Dia Internacional da Mulher, o tema era por sua vez, ligado à questão da mulher, especificamente a mulher na infância. A peça relatava, de maneira divertida e satírica, o papel da mulher na sociedade, mostrando que desde cedo, à mulher é reservado o papel de submissão: "A menina brinca de boneca. O menino brinca de soldado". Desde cedo, os papéis são distribuídos, e cada um deve cumprir corretamente a sua parte, como foi estabelecido pela sociedade, sem ser permitida a contestação dessa lei por nenhuma das partes.

O Teatro Mania é a prova concreta de que pode-se fazer teatro com adolescentes, sem apelar para o ridículo, aliando lazer e informação, prazer e denúncia. O melhor é que experiências como essa estimulam o senso crítico da tão debilitada e alienada juventude suburbana.

Os atuais componentes são: Antonio Marcos, Michelle Bastos, Rose Lopes, Andreza Borges, Rejane Silva, Rosângela Freire. A direção cênica fica por minha conta. (Charles, Fortaleza - CE)

Histórias em quadrinhos para atingir mais gente

Venho por meio desta parabenizar pela grande contribuição que esse jornal tem dado nas lutas do povo brasileiro, no combate às concepções retrógradas e reacionárias e na pregação de uma nova ordem que acabe a exploração do homem pelo homem, a sociedade socialista.

Aproveitando a oportunidade, gostaria de sugerir, até mesmo para facilitar e ampliar a penetração desse importante jornal em parcelas maiores da população, a reedição da "Comuna de Paris" em quadrinhos. Apresento essa sugestão por entender que além de ser mais didático e de mais fácil assimilação, é também uma melhor forma de se chegar a parcelas da população, como crianças, lutadores dos movimentos de bairros, trabalhadores semi-analfabetos do campo e da cidade etc.

É importante lembrar que experiências semelhantes vêm sendo feitas por várias editoras em lançamentos de livros como: "A Revolução Cubana", "Manifesto do Partido Comunista", "Capitalismo para Principiantes", "O Capital" e muitos outros, todos em quadrinhos.

Por isso, considero importante, que em outras oportunidades o jornal *A Classe Operária* em comemoração a datas históricas ou na análise de temas diversos, publique histórias em quadrinhos, como por exemplo: Guerra de Canudos, Albânia Socialista, Dívida Externa, Privatização e Estatização, O Revisonismo do Leste Europeu etc. (Virgílio Felix, Fortaleza - CE)

O governo Collor mostra seu caráter autoritário

A história se repete. Infelizmente em forma de farsa e tão reacionária. O governo Collor está mostrando abertamente e na prática o seu caráter reacionário, entreguista e autoritário. Ainda que parcialmente analisadas, as medidas econômicas do Plano Collor são recessivas e pró-imperialistas. As elites dominantes foram previamente alertadas do confisco lesa-povo e retiraram seu rico dinheirinho do over.

Os comunistas têm tarefas imensas a realizar em todos os campos: político, ideológico, teórico, social etc.

Vivemos, sem restos de dúvida, um período crítico, de refluxo ideológico e vigorosa campanha anticomunista. Cabe-nos responder à altura as invenções da burguesia, do imperialismo e seus aliados e desmascarar o perigosíssimo revisionismo contemporâneo. Objetivamente, caminhamos para situações verdadeiramente revolucionárias e, portanto, o Partido Comunista tem a missão urgente e histórica, no terreno organizativo, de engrossar as suas fileiras quantitativa e qualitativamente. De outro modo não teremos condições de acompanhar as intrincadas batalhas que se avizinham nem ser a vanguarda consciente do proletariado brasileiro em ações de massas poderosas que o atual curso político, entre outras coisas, tende a gerar. (Valdeilson Vieira Alves, Paulo Afonso - BA)

A justa homenagem à luta dos camponeses de Canudos

Considero importante e oportuno que esse combativo jornal dedique um artigo especial à Revolta de Canudos, esse que foi um dos acontecimentos mais marcantes na luta do povo brasileiro por justiça social, contra o latifúndio e por reforma agrária, bandeira de grande atualidade e que está na raiz dos nossos problemas estruturais.



Brasil, última década do século XIX, sertão nordestino, início do regime republicano. A miséria gerada pela seca e principalmente pela falta de chuva levou o sertanejo a se unir e lutar para tentar sobreviver. O objetivo político estava subordinado à luta pela sobrevivência física. É quando surge Antonio Conselheiro, imbuído de ideais monarquistas para dar um tom diferente ao movimento, direcionando-o politicamente. A luta deixava de ser apenas pela sobrevivência. O aspecto político surgia com força. Até que ponto Conselheiro conseguiu ganhar os seus liderados para a idéia da Monarquia não se sabe, mas, sem dúvida, ganhou-os para as idéias da justiça social e para a luta contra a opressão feroz desencadeada pelos coronéis do latifúndio. Também o atraso social e o fanatismo religioso contribuíram para que a liderança de Conselheiro se consolidasse perante os demais, apesar da personalidade impressionante desse homem que conseguiu, em meio a tanta ignorância e miséria, unir e liderar tantos homens para travar uma guerra tão cruenta contra um inimigo tão poderoso e bem armado.

Penso que a miséria à qual aquele povo estava submetido o empurraria inevitavelmente para a luta, mas a influência e a liderança carismática de Conselheiro aliada ao espírito aguerrido do sertanejo foram fundamentais para que Canudos se afirmasse como um dos momentos mais importantes da nossa história e imortalizado pelo genial Euclides da Cunha.

Ainda que baseado em concepções políticas atrasadas, esse acontecimento centenário, na minha opinião, foi uma luta do oprimido contra o opressor e deve ser louvado e estudado por todo aquele que tem um real compromisso com a causa dos dominados, para que sejam extraídos todos os ensinamentos possíveis dessa grande epopéia do povo brasileiro. (Valdir Estrela, Salvador - BA)

A Classe Operária

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas
Editor: José Reinaldo Carvalho
Redação: Antonio Martins, Irasson Cordeiro Lopes e Umberto Martins

Diagramação e Arte: José Luís Muñera Reyes
Centro de Documentação: Joana D'arc de Sousa
Administração: Sandra Mateus
Secretaria: Márcia Medeiros
Assinaturas: Cláudia Medeiros
Fotografia: Agência Fóton

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - CEP 01318 - São Paulo/SP
Telefone: (011) 36-7531
Telex: 11-32133
Fax: (011) 36-4104

da Empresa Jornalística A Classe Operária. Composição e Montagem: Compuarte - Prods. Gráfs. e Assessorias de Sistemas S/C Ltda. Rua Cruz e Souza, 60 - Acimação - fone: 285-3669.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação

МАІАКОВСКИ

МАЯКОВСКИЙ

O Reunismo

Mal a noite se torna madrugada
cada qual a seu trabalho vai.
Vão para a "Firma"
para a Cia.
para a S.A.
para a Ltda.
e nos escritórios desaparecem.

Derrama-se em torrente a papelada
mal se entra nesses escritórios.
Procure-se entre cem -
o mais importante! -
os empregados estão sumidos nas reuniões.

Então apareço eu e pergunto:
"Quem pode me atender?
Estou aqui há não sei quanto tempo".
- "O camarada Ivan Ivanitch está em reunião
com o Comissário Geral do Povo para as Ques-
tões do Vinho".
Crispada de inúmeras estrelas
a luz apenas pisca.
Repito. Respondem:
- "Peço-lhe para voltar daqui a uma hora.
Está em reunião
tratando da compra de tinta
para a Cia. etc., etc., etc., S.A.".

Uma hora depois -
Nem um funcionário
sequer um contínuo aparece...
tudo limpo, ninguém!

Todos, até os 22 anos,
estão lá em cima, numa reunião do Komsomol.

A noite vem caindo.
Subo ainda
até o último andar deste meu lar temporário.
"Já chegou o camarada Ivan Ivanitch?"
- "Não. Ainda reunido
com a A, B, C, D, E, F, G, & Cia."
Na tal reunião
entro como um furacão,
abrindo caminho com pragas selvagens.
Que vejo!
Corpos pela metade, sentados.
Céus!
Onde estarão as outras metades?
"Decepados!
Assassinados!"
Correndo como um louco,
ponho-me a gritar.
Diante de tal quadro fico alucinado.
Ouço então
o mais calmo dos funcionários
observar:
"Eles estão em duas reuniões ao mesmo tempo".
A vinte reuniões por dia -
e às vezes mais -
temos que assistir.
Por isso somos forçados
a em dois nos dividir!
Uma metade está aqui,
a outra
lá longe.
Não pude dormir, assombrado.
A luz da manhã me colheu estremunhado.
"Oh! peço somente uma
mais uma reunião
para acabar com tantas reuniões!"

O Poeta-Operário

Grita-se ao poeta:
"Queria te ver numa fábrica!
O que? versos? Pura bobagem!
Para trabalhar não tens coragem".
Talvez
ninguém como nós
ponha tanto coração
no trabalho.
Eu sou uma fábrica.
E se chaminés
me faltam
talvez
sem chaminés
seja preciso
ainda mais coragem.
Sei.
Frases vazias não agradam.
Quando serrais madeira
é para fazer lenha.
E nós que somos
senão entalhadores a esculpir
a tora da cabeça humana?
Certamente que a pesca
é coisa respeitável.
Atira-se a rede e quem sabe?
Pega-se um esturjão!
Mas o trabalho do poeta
é muito mais difícil.
Pescamos gente viva e não peixes.
Penoso é trabalhar nos altos-fornos
onde se tempera o ferro em brasa.
Mas pode alguém
acusar-nos de ociosos?
Nós polimos as almas
com a lixa do verso.
Quem vale mais:
o poeta ou o técnico
que produz comodidades?
Ambos!
Os corações também são motores.
A alma é poderosa força motriz.
Somos iguais.
Camaradas dentro da massa operária.
Proletários do corpo e do espírito.
Somente unidos,
somente juntos remoçaremos o mundo,
fá-lo-emos marchar num ritmo célere.
Diante da vaga de palavras
levantemos um dique!
Mãos à obra!
O trabalho é vivo e novo!
Com os oradores vazios, fora!
Moinho com eles!
Com a água de seus discursos
que façam mover-se a mó!

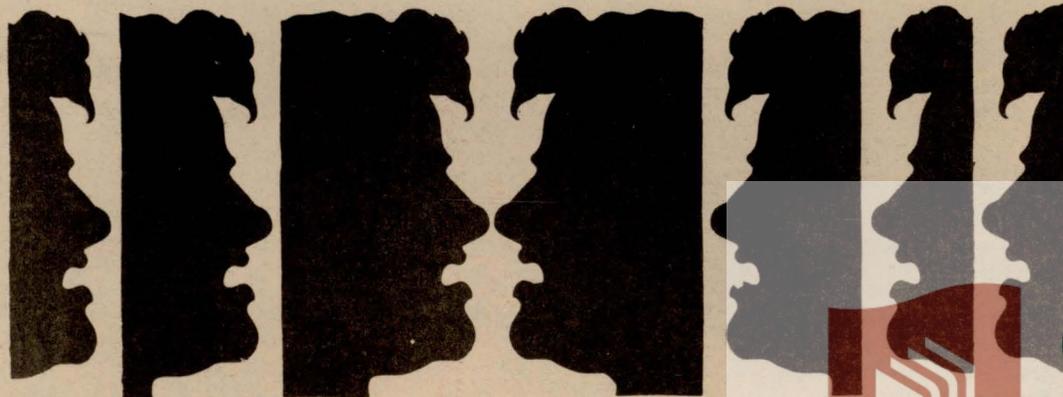
Lilitchka!

Em lugar de uma carta

Fumo de tabaco rói o ar.
O quarto -
um capítulo do inferno de Krutchônikh*.
Recorda -
atrás desta janela
pela primeira vez
apertei tuas mãos, atônito.
Hoje te sentas,
no coração - aço.
Um dia mais
e me expulsarás,
talvez, com zanga.
No teu hall escuro longamente o braço,
trêmulo, se recusa a entrar na manga.
Sairei correndo,
lançarei meu corpo à rua.
Transtornado,
tornado
louco pelo desespero.
Não o consintas,
meu amor,
meu bem, digamos até logo agora.
De qualquer forma
o meu amor
- duro fardo por certo -
pesará sobre ti
onde quer que te encontres.
Deixa que o fel da mágoa ressentida
num último grito estronde.
Quando um boi está morto de trabalho
ele se vai
e se deita na água fria.
Afora o teu amor
para mim
não há mar,
e a dor do teu amor nem a lágrima alivia.
Quando o elefante cansado quer repouso
ele jaz como um rei na areia ardente.
Afora o teu amor
para mim
não há sol,
e eu não sei onde estás e com quem.
Se ela assim torturasse um poeta,
ele
trocaria sua amada por dinheiro e glória,
mas a mim
nenhum som me importa
afora o som do teu nome que eu adoro.
E não me lançarei no abismo,
e não beberei veneno,
e não poderei apertar na têmpera o gatilho.
Afora
o teu olhar
nenhuma lâmina me atrai com seu brilho.
Amanhã esquecerás
que eu te pus num pedestal,
que incendiei de amor uma alma livre,
e os dias vão - rodopiante carnaval -
dispersarão as folhas dos meus livros...
Acaso as folhas secas destes versos
far-te-ão parar,
respiração opressa?

Deixa-me ao menos
arrelvar numa última carícia
teu passo que se apressa.

PROSA & VERSO



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois